

Maria Lizete Sampaio Sobral

Os Guardiões da memória na Praça D.Pedro II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção de grau de mestre em Ciências Sociais (Antropologia).

Orientadora: Professora Doutora Diana Antonaz

Belém

2006

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca Central/ UFPA, Belém-PA

SOBRAL, Maria Lizete Sampaio.

Os guardiões da memória na Praça D. Pedro II/ Maria Lizete Sampaio Sobral; orientadora, Diana Antonaz. – 2006

Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006.

1. Grupos sociais. 2. Engraxates – Praça D. Pedro II (Belém, PA). 3. Praça D. Pedro II (Belém, PA). I. Título.

CDD - 21. ed. 305

Os Guardiões da memória na Praça D.Pedro II

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Diana Antonaz.

Exemplar correspondente à dissertação defendida e aprovada pela Comissão de Avaliação em

Banca:

Prof^a. Dr^a. Diana Antonaz (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Rosa Acevedo Marin (Examinadora)

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Examinador)

Prof. Dr. Roberto de Araújo Santos (Suplente)

Belém
2006

Dedico este trabalho para

Minha mãe Lizete (in memorian), cuja lembrança guardo na alma.

Meu pai Luiz, pelo carinho que sempre me dedicou.

Meus filhos, Rafael e Gabriela, pelo amor.

AGRADECIMENTOS

Ao departamento do Mestrado em Antropologia, particularmente aos funcionários e a todos os professores, que no âmbito de suas disciplinas, contribuíram com seu conhecimento.

À professora Dra. Diana Antonaz, minha orientadora, pela sabedoria, segurança, paciência e seriedade com que conduziu esta pesquisa.

Aos colegas de turma, pelas sugestões construtivas e pela solidariedade.

Ao Prof. M.Sc. Eivaldo Junior, pelo incentivo e apoio.

Aos meus irmãos queridos, Eulália, Luizete, Halmélio, Cláudio, Armando e Danielle, pelo carinho e amizade.

Ao Alexandre, pelo amor, pela compreensão, pela parceria.

RESUMO

Esta pesquisa trata da memória constituída pelos engraxates da praça Dom Pedro II, a partir da relação que estes mantêm com este espaço público e dos significados que eles lhes atribuem. Tem por objetivo estudar a construção dessa memória como fenômeno constitutivo da vida desses engraxates flagradas nas suas histórias de vida, ferramenta deste trabalho.

Palavras-chave: engraxate, praça, trabalho, memória, práticas sociais.

ABSTRACT

This research concerns the constitution of the memory of shoeshiners who work on the lawns of square Dom Pedro II, in Belém – Pará, considering their relations regarding this public space and the meanings assigned to it. Its objective is that of studying the means by which they construct their memory as a phenomenon integrating their lives and read in their life histories, which are the main analytical tool used in the construction of this work.

Key-words: shoeshiners, square, work, memory, social practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	27
1. Uma praça entre engraxates.....	27
1.1 A poética do olhar e o espaço vivenciado	27
1.2 O uso e a demarcação dos espaços na praça Dom Pedro II.....	37
1.3 Os comerciantes das bancas de venda de revistas e jornais	42
1.4 Os comerciantes das bancas de venda de rua	43
1.5. Os engraxates.....	47
CAPÍTULO II	58
2. Vida de Engraxate	58
2.1 Como se constrói um engraxate	60
2.2 O trabalho do engraxate.....	70
2.3 Um dia de trabalho	71
2.4 Os engraxates e seus clientes.....	76
2.5 Os engraxates e a política	78
CAPÍTULO III	82
3. O lugar como referência da memória social.....	82
3.2 No Compasso do Tempo e das Lembranças.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
BIBLIOGRAFIA	98
FONTES IMPRESSAS	
RELATÓRIOS DE GOVERNO	
ICONOGRAFIAS	
REVISTAS E PERIÓDICOS	
Artigos	
Traduções	
ANEXOS	

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 – Legenda original: “Trecho da praça da Independência e monumento ao General Gurjão”	23
Foto 02 – Vista geral da banca do engraxate Manuel. Ao fundo, o Palácio Antonio Lemos, sede da Prefeitura de Belém.....	24
Foto 03 – Banca do engraxate Manuel, onde ele atende um cliente	24
Foto 04 – O engraxate Américo	30
Foto 05 – Vista Panorâmica da Cidade de Belém, onde se destaca, ao centro da imagem, a praça Dom Pedro II, estabelecendo os limites territoriais entre os bairros da Cidade Velha e do Comércio.....	33
Foto 06 – Foto aerofotogramétrica da cidade de Belém. A área circundada em vermelho corresponde à Praça Dom Pedro II, eixo do contexto circunscrito pelos setores administrativo, religioso e econômico (estes identificados pelas interferências ilustrativas na foto).....	35
Foto 07 – Vendedores de jasmim	36
Foto 08 – Pipoqueiro e vendedor ambulante na Praça Dom Pedro II.....	37
Foto 09 – Moradores da Praça	39
Foto 10 – Um dos moradores da Praça no local ocupado por eles: a área circundante ao monumento do General Gurjão	39
Foto 11 – Os vendedores de côco, que trabalhavam como atravessadores na praça, colocavam seus produtos nos caminhos cimentados e sobre os carrinhos de madeira. Hoje, esses trabalhadores não se encontram lá	40
Foto 12 – Ao fundo, banca de revista situada de frente para a travessa Padre Champagnat	42
Foto 13 – Bancas de venda de rua ocupando a calçada da Avenida Portugal	44
Foto 14 – Vadinho, amigo de Manoel.....	45
Foto 15 – Válber filho de Manoel	47
Foto 16 – Bancas de venda de rua situadas na área mais movimentada da praça, ao longo da avenida Portugal.....	49
Fotos 17 e 18 – Ocupação dos espaços da Praça Dom Pedro II pelas obras referentes ao projeto <i>Monumenta</i> , realizado sob a ação administrativa do então prefeito Edmilsom Rodrigues, em dezembro de 2004.....	54
Foto 19 – O engraxate Paulo jogando bola	55
Foto 20 – Américo mostrando a árvore de Pau D’Arco que plantou em um dos canteiros da praça Dom Pedro II.....	56
Foto 21 – O engraxate Manoel durante o trabalho.....	62
Foto 22 – Américo em primeiro plano e Juraci, em pé, no segundo plano da foto	63
Foto 23 – O engraxate paulista em sua banca de trabalho	65
Foto 24 – Miguel, irmão de Paulo, atendendo um cliente	66
Foto 25 – Pé de ferro, instrumento de trabalho dos engraxates	72
Foto 26 – O engraxate Américo	73
Fotos 27 – Américo ao fim de um dia de trabalho	75

Foto 28 – Américo encaminhando-se para o depósito a fim de guardar seu material .	75
Fotos 29 – mérico chegando ao depósito.....	75
Foto 30 – Depósito onde Américo guarda seu material	75
Foto 31 – Monumento em homenagem ao Almirante Tamandaré. Ao fundo, o Palácio da Prefeitura	82
Foto 32 – À esquerda, o Museu do Estado do Pará, antigo Palácio dos Governadores. No fundo, à direita, prédio da Assembléia Legislativa	83
Foto 33 – Os lagos cheios d'água	86
Foto 34 – Os espaços dos lagos sem água.....	86
Foto 35 – Obras de aterramento dos lagos, realizadas na administração do Prefeito Duciomar Costa.....	86
Foto 36 – A banca de Manoel, atada sob uma mangueira	90
Foto 37 – Sebastião engraxando os sapatos de um cliente.....	92

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Planta de Setorização dos Espaços Especializados da Praça Dom Pedro II	41
Figura 02 – Ocupação da Praça Dom Pedro II pelos engraxates	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa ao estudo antropológico sobre a construção da memória social, forjada entre os engraxates, na sua relação com as demais pessoas que trabalham, moram ou simplesmente circulam, diariamente, no contexto espacial da praça Dom Pedro II, logradouro centenário, situado no centro histórico de Belém, no chamado bairro da Cidade Velha.

Mais precisamente, o que se busca compreender, na alternância das histórias narradas, vividas e revividas entre passado e presente¹ pelos engraxates, é a relação desses trabalhadores entre si, e ainda, sua relação com os demais grupos de trabalhadores que ocupam também o espaço da *praça*²; assim como com os clientes e com o público em geral; para a compreensão de uma lógica contextual que permita delinear de que forma a dimensão física torna-se parte integrante de uma realidade significativa para determinado grupo social. Daí a importância de colocar em cena, a abordagem de alguns aspectos, sobre as representações sociais construídas nesse contexto, propondo, assim, a compreensão sobre as manifestações simbólicas que emergem a partir da relação entre os homens e as coisas; ou seja, um despertar do olhar para o modo como essa dinâmica social atribui significados aos constructos materiais produzidos pela cultura (constructos materiais humanos) – no caso deste trabalho, sentidos pertinentes à vivência dos engraxates no contexto espaço-temporal da praça D. Pedro II, o que acaba por configurar este lugar como referência de uma memória coletiva.

¹ O recorte temporal referente a este “presente” diz respeito ao período compreendido entre junho de 2004 e janeiro de 2006, durante o qual se desenvolveram os trabalhos de campo desta pesquisa; evidenciando-se assim, uma prática de observação prolongada, para a compreensão da relação entre tempo e espaço na construção da memória.

² Ao longo do texto, sempre que a designação *praça* aparecer isolado do nome D.Pedro II, subentende-se que estarei me referindo à praça D.Pedro II.

Assim, para efeitos do que pretendo analisar, há que se entender a diferença entre a dimensão individual e a dimensão coletiva na construção da memória, pois a memória individual é constituinte da memória coletiva; mas não é a memória coletiva. É nesse sentido que a memória individual vai surgir como história de vida dos engraxates, constituindo a memória social, mais universal, portanto.

A escolha deste objeto de estudo deu-se, sobretudo, pelo contato com o tempo da pesquisa desenvolvida para a realização do trabalho de monografia apresentado ao curso de especialização em Memória e História da Arte, da Universidade da Amazônia, denominado: “*No Compasso da Praça: um estudo histórico e estético sobre a praça D. Pedro II*”, que permitiu, tanto verificá-la como referencial para a investigação do processo histórico e artístico da cultura local, assim como conhecer sua importância no decurso dos acontecimentos que promoveram a expansão e o crescimento da cidade de Belém³. (ilustrações 1, 2 e 3 em anexo).

Àquela ocasião, no contato com os documentos e material bibliográfico, concernentes ao estudo proposto, pude verificar alguns aspectos que suscitaram questionamentos a respeito da maneira como são elaboradas as representações no âmbito social, dentre elas, a construção daquilo que se refere à memória de uma sociedade. Assim, buscando fundamentar a pesquisa em uma metodologia que envolvesse também relatos pessoais sobre a praça Dom Pedro II, busquei a aproximação com pessoas que pudessem, a

³ Ao assumir a função de governador do Pará, Dom Marcos de Noronha e Brito, o famoso Conde dos Arcos, que administrou o estado do Pará durante o período compreendido entre 22 de setembro de 1803 e 10 de março de 1806, promoveu uma série de iniciativas urbanísticas e de modernização e embelezamento da cidade. Assim, correspondendo aos ideais civilizatórios portugueses, de urbanização e saneamento das cidades em expansão na Colônia, e sob a ação de poder real, a preocupação com a insalubridade das áreas alagadiças da região se inseriu na relação de prioridades do plano urbanístico estabelecido pelo Conde dos Arcos, que mandou, aterrar os terrenos litorâneos considerados insalubres. Iniciou, à época, a excisão do Igarapé do Piri, para a construção do primeiro jardim situado no Largo do Palácio. Desta forma, a área aterrada, que correspondia ao limite territorial entre os dois primeiros núcleos de ocupação da cidade (o primeiro, que se desenvolveu no sentido norte-sul e o segundo, no sentido leste-oeste), facilitaria a ligação entre essas áreas, mesmo durante o período das cheias, quando as águas da Baía do Guajará e do Igarapé do Piri transbordavam. Sobre o assunto consultar: SOBRAL, Maria Lizete Sampaio. *No Compasso da Praça: um estudo histórico e estético sobre a praça D. Pedro II* Monografia de Especialização em Memória e História da Arte. Belém. 2001 (mimeo).

meu ver, fornecer, em termos de representação de memória, o que eu pretendia, qual seja, o conhecimento sobre a história social e as construções ideológicas que se pudessem depreender da relação entre uma sociedade e seu patrimônio histórico material.

Portanto, para melhor entendimento da temática proposta com a pesquisa, consultei meus professores universitários dos cursos de Arte e Arquitetura e História; dois funcionários do Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; pessoas de meu convívio pessoal e profissional e, ainda, aquelas que tinham na figura do General Hilário Maxiliano Gurjão, personagem homenageado no monumento central da praça, seu ancestral consanguíneo – estas, de algum modo, guardadoras de uma memória atrelada à história familiar.

Eu acreditava que essas pessoas pudessem me fornecer informações ou esclarecer questões relacionadas a aspectos, tais como forma, estilo, datação ou autoria dos monumentos que se encontram erigidos no cenário da praça: o principal deles, localizado na área central da praça, uma escultura laudatória ao General Gurjão; outro, homenageando a figura do Almirante Tamandaré; e, ainda, aquele dedicado à figura do soldado brasileiro, que apresenta, na face anterior de seu pedestal, medalhão representando a imagem do Duque de Caxias.

No entanto, verifiquei seu parco conhecimento a respeito do conteúdo histórico e artístico relacionado ao lugar, uma vez que pouco podiam me oferecer nesse sentido; alguns não sabiam onde ficava a praça D. Pedro II; outros, nem mesmo, que existia praça com esse nome em Belém. A maioria das pessoas não sabia, sequer, que “aquela praça grande”, situada entre a *Praça do Relógio* e os palácios *Antônio Lemos*, onde funciona a prefeitura, e *Lauro Sodré*, que abriga o Museu do Estado do Pará, era a praça Dom Pedro II. Então, para melhor esclarecimento, eu lançava mão das outras denominações que o lugar recebeu desde a época

de sua fundação e, assim, reportava-me aos nomes: *Largo do Palácio*, sua denominação original, *Largo da Constituição*, *Praça da Independência* ou *Parque Affonso Penna*.

A nenhuma dessas denominações, respondiam-me de forma a manifestar seu conhecimento sobre o lugar e, em algumas ocasiões, eu recebia declarações como: “Ah! Eu sabia que o nome dessa praça era Pedro algumas coisa... pensei que fosse Pedro Teixeira”⁴, ou então: “Não é aquela praça grandona, na frente da praça do relógio, cheia de árvores?”

Assim, fazia-se necessário situar a *praça* em relação ao contexto urbano de Belém, para que esses agentes pudessem apreender o universo ao qual eu me reportava como pesquisadora; e eu me perguntava porque, durante as entrevistas, não percebia uma relação de afinidade entre essas pessoas e a praça Dom Pedro II; pelo menos, não a mesma relação de afinidade que eu tinha com o lugar, construída no meu âmbito familiar, a partir das histórias que eu ouvia de minha mãe, sobre sua infância vivida no cenário da *praça* e em outros cenários da Cidade Velha, bairro onde ela morou quando criança.

Tais constatações provocaram não uma inquietação, mas uma questão de cunho sociológico mesmo, fundamentada nas idéias pré-concebidas que eu tinha a respeito, sobretudo, dos profissionais os quais eu havia pensado como aqueles que poderiam me fornecer os dados que eu pretendia conhecer, em função de sua formação e de seu desempenho profissional; e o mesmo se dava a respeito dos descendentes do General Hilário Maximiliano Gurjão. Todas essas pessoas, eu supunha serem detentoras do conhecimento sobre a história e a memória da cultura local, o que, de algum modo traduzia minhas noções sobre uma memória relacionada à memória consagrada, a qual corresponde a uma concepção já consolidada, que, representada, muitas vezes, por uma classe dominante, elege prédios históricos, documentos oficiais, monumentos arquitetônicos e artísticos como seus referenciais culturais. Em verdade, eu elegia grandes vazios como esses referenciais.

⁴ Depoimentos concedidos em junho de 1999.

Comecei a perceber, então, que a praça Dom Pedro II não tinha para tais pessoas, o mesmo significado que tinha para mim, o qual, em se constituindo na dimensão mais restrita de minha vivência familiar, despertou meu interesse no sentido de compreendê-la enquanto significado para uma dimensão mais universal: a dimensão social. E, logo compreendi que, se o substrato material sobre o qual falávamos no âmbito social era aquela praça especificamente, os significados afins, neste sentido, inexistiam.

Se àquela altura, o panorama aqui apresentado, levou-me adiante nas investigações, como um estímulo para estudar a praça Dom Pedro II com seus monumentos, lagos e passeios centenários, situando-a dentro de um percurso histórico-cultural, esse mesmo panorama suscitou em mim, a vontade de compreender o motivo pelo qual aquele sítio histórico não se configurava em um arrimo onde a memória se apóia⁵; e, que a memória não é um capital daqueles que estudavam a cidade, mas daqueles que a viviam, que a utilizavam.

Na tentativa de procurar junto a outras fontes, as informações que eu pretendia, estabeleci minha primeira aproximação com as pessoas que desempenham algum tipo de ofício na praça, utilizando-a diariamente, como seu local de trabalho, e, na primeira incursão que fiz à *praça* com esse objetivo, eu tentava escolher, aleatoriamente, meus interlocutores. Imediatamente, me dei conta sobre a dinâmica do lugar, tomado de uma grande movimentação de pessoas. Por todos os lados e sobre os canteiros gramados, espalhavam-se vendedores ambulantes, engraxates com suas caixas de madeira, transeuntes, e, em uma das calçadas da praça, a mesma onde se localizavam as barracas de venda de comida, bebida, cigarros e bombons, dezenas de pessoas esperavam os ônibus, que paravam a todo momento para pegar passageiros. Dirigi-me a uma banca de venda de revistas e travei contato com seu proprietário. Identifiquei-me, falando a respeito de meu trabalho e de minha intenção com ele

⁵ Cf. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. No prefácio que faz à obra de Bosi, Marilena Chauí fala dos arrimos de memória como os suportes, sobre os quais projetamos e referenciamos nossas lembranças.

no sentido de coletar informações para a pesquisa, ao que ele me disse: “Olhe, não sei muita coisa da praça, não. Porque eu só fico aqui na banca, e não estou há muito tempo, também. Acho melhor a senhora perguntar para os outros que estão há mais tempo aqui”.

Curiosamente, eu parecia não ver os engraxates, pois eles são poucos, em número de sete, e se confundem no meio da multidão de gente e do próprio espaço da praça, ornado de mangueiras e outras espécies vegetais de grande porte, o que acaba por conferir ao lugar, a aparência de um pequeno bosque. Talvez, por isso, eu tenha procurado, em um segundo momento, os donos das bancas⁶ de venda de comida, que se localizavam em grande número ao longo de uma única calçada, fato que parecia evidenciar uma delimitação dos espaços, em função dos diversos tipos de trabalho desenvolvidos na *praça*.

Mais uma vez, essas pessoas diziam não saber responder às perguntas que eu formulava, as quais, naquele momento, eram direcionadas para as reformas que já haviam sido empreendidas no lugar e para acontecimentos datados. Foi, então, que Margarida, proprietária de uma banca⁷ de venda de bombons e cigarros em unidade sugeriu que eu procurasse os engraxates, pois, conforme indicou, eram estes que estavam lá há mais tempo, trabalhando em uma espécie de continuidade histórica que, segundo me informaram, chegava a contar 15, 20, 30 ou 40 anos.

Com efeito, Manoel, Paulo, Miguel, Sebastião, Américo, Juraci e “Paulista”, os sete engraxates da praça Dom Pedro II, tinham histórias para me contar, fornecendo dados, alguns dos quais, eu tinha conhecimento; de muitos outros não. Dados que se confundiam com sua própria vivência, pois ao mesmo tempo que guardavam histórias sobre o lugar, traziam em suas narrativas suas próprias histórias de vida. Paulo era um engraxate que

⁶ O termo banca, da forma como é utilizado aqui, diz respeito às barracas de venda de produtos diversos, cujos proprietários denominam “banca”. Da mesma forma, os engraxates chamam de “banca” suas caixas de trabalho.

⁷ Atualmente, a banca de Margarida, e algumas outras bancas, não se encontram mais na praça. Segundo me informou Manoel, foram retiradas pela fiscalização municipal do prefeito Duciomar Costa com a alegação de que seriam transferidas para outro lugar, pois ali obstruíam a calçada da praça, que serve de parada de ônibus. Sobre o feito, Manoel informou não saber para onde as bancas foram transferidas.

costumava se queixar dos poderes públicos com relação ao que ele considerava um “descaso” com os monumentos e espaços da praça; reclamava da violência e dos assaltos ocorridos lá e dizia que deveria haver um melhor “policiamento”; que, no passado, a praça era melhor, pois a circulação de clientes era mais intensa e ganhava mais dinheiro. Assim, dizia ele, podia viajar e “fazer mais coisas”. Levantava a importância do lugar na história da cidade, perguntando: “a senhora sabia que a Cabanagem⁸ foi aqui?”.

Os engraxates traziam em suas narrativas, histórias que expressavam o modo como eles se compreendiam ligados à história do lugar. Duas dimensões, se confundiam em seus relatos: a dimensão física e a dimensão humana, e uma não podia emergir desatrelada da outra.

Assim, quando expressavam, sua preocupação com a preservação dos espaços da praça Dom Pedro II, os engraxates pareciam falar da preocupação com sua própria condição como trabalhadores no lugar, pois ficava evidente que a permanência deles ali dependia da defesa do espaço, como forma de garantir seu trabalho. Eles se expressavam como se fossem guardiões do lugar, dada a forma como eu os percebia, incorporando em suas próprias histórias de vida, a história da *praça*, uma vez que já passaram, e continuam passando, muito tempo de suas vidas ali.

Aqueles homens, que de início eu classificava simplesmente como *trabalhadores da praça*, e que então passei a reconhecer como *os guardiões da memória da praça Dom Pedro II*, compartilhavam, em comum, histórias vividas em um universo sócio-espacial, que traduziam o sentido que esta praça adquire como dimensão simbólica e referencial de memória.

⁸ O movimento conhecido como a Revolta da Cabanagem correspondeu à manifestação de cunho político pela adesão do Pará à independência do Brasil, ocorrida no ano de 1835, a qual contou com grande número de participantes que se aquartelaram na Praça Dom Pedro II e tentaram invadir o antigo Palácio dos Governadores, atualmente Museu do Estado do Pará.

Eu percebia na expressão dessa relação com o lugar, os engraxates imprimem uma marca, manifestando sua condição de monumentos vivos da praça Dom Pedro II, que lá estão, sempre na mesma posição e na mesma situação de agentes. Tal relação vê-se concretizada na materialidade dos espaços da praça, posto que, mesmo quando eles não estão presentes na compreensão de uma forma física, sua existência no local, enquanto trabalhadores, permanece constatada no uso de um espaço que é exclusivo a eles durante um período do dia. Assim, conceber os engraxates como parte integrante daquela realidade concreta, despertou-me a reflexão sobre o fato de que o discurso que antes eu pensava poder extrair dos monumentos de pedra, eu agora, apreendia nas histórias de vida desses homens, *monumentos de carne e osso*. Dessa forma, sua relação com as pessoas e com os fatos ocorridos nos cenários da praça, forneciam uma condição essencial, fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

Essa experiência fez-me considerar a existência de outras perspectivas na construção da memória social, pois, se a princípio, meu pensamento se voltava para uma memória consagrada, o estar na praça, experimentando a convivência com aquela dinâmica social, levou-me a perceber um tipo de memória que não a imposta pelo poder público.

Comecei a compreender a construção dessas referências, como representações, frutos de uma imposição social não necessariamente política; mas construídas no âmbito do social, nas camadas mais populares da sociedade, para além de uma dimensão individual – como produtos que negociados na esfera do coletivo, promovem uma coesão, não pela coerção, mas, como nos diz Halbwachs⁹, “pela adesão afetiva ao grupo” (1989, p. 452). Portanto, é perceptível como tais construções ganham valor para essas chamadas camadas populares, na relação imediata que se estabelece com as questões ligadas à sua vivência na sociedade e com os significados que são atribuídos à concretude de suas vidas.

⁹ Cf. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1989.

É nesse sentido que busco, com esta pesquisa compreender a construção de uma memória, que em se constituindo dentro de um universo maior, traduz as representações e os significados referentes às experiências vividas e às lembranças compartilhadas pelos engraxates – a memória como uma construção dos componentes subjetivos e objetivos¹⁰, que adquirem sentido no universo social. E, para isso, considerar o entendimento das práticas sociais tramadas por estes sujeitos no contexto social cotidiano da praça D. Pedro II.

Como ponto central da metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, evidencio como caminho para chegar até eles, as entrevistas, por meio das quais, delineando alguns aspectos nas histórias relatadas pelos engraxates, procuro conhecer seus modos específicos de vida, de ver e de colocar-se no mundo. Na verificação das representações compartilhadas entre eles, destaco as histórias de vida como fonte de suas memórias, e as experiências vividas na praça, como sua referência mais relevante de tempo e espaço. Para isso, trabalho, essencialmente, com as histórias de vida de Manoel, Juraci e Paulista, as quais eu apresento de forma contínua, sendo que, as histórias de vida dos outros engraxates são apresentadas de forma fragmentada, na medida em que, através de um estudo comparativo, estabeleço as relações entre os aspectos que são destacados nos respectivos depoimentos dos engraxates.

Para minha entrada em campo, procurei me apropriar de alguma referência que pudesse ser familiar e comum ao meu universo social e ao deles; e foram justamente as histórias contadas por minha mãe sobre sua vivência passada na praça, que permitiram esse

¹⁰ Cf. Marilena Chauí, informa que “...são componentes objetivos: as atividades físico-fisiológicas e químicas de gravação e registro cerebral das lembranças, bem como a estrutura do objeto que será lembrado. Assim, por exemplo, a psicologia da *Gestalt* mostra que temos maior facilidade para memorizar uma melodia do que sons isolados ou dispersos; que memorizamos mais facilmente figuras regulares (círculo, quadrado, triângulo, etc.) do que um conjunto disperso de linhas. São componentes subjetivos: a importância do fato e as coisas para nós; o modo como alguma coisa nos impressionou e ficou gravada em nós; a necessidade para nossa vida prática ou para o desenvolvimento de nossos conhecimentos; o prazer ou dor que um fato ou alguma coisa produziram em nós, etc. Em outras palavras, mesmo que nosso cérebro grave e registre tudo, não é isso a memória e sim o que foi, sentido ou o que foi gravado com um sentido ou com um significado para nós e os outros”. Consultar: CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1996: 128.

contato, configurando-se, assim, um traço de ligação entre a minha memória de vida e a memória dos engraxates; fato que favoreceu nossa aproximação, pois, nas histórias contadas por eles e reconhecidas por mim, compartilhávamos afinidades.

E, para além desse conhecimento, sobre a história de vida de minha mãe, eu introduzia em nossas conversas, algumas informações sobre a praça Dom Pedro II, as quais nortearam o desenvolvimento de minha pesquisa realizada no curso de especialização que, à época, privilegiou o estudo daquele espaço sob a ótica das teorias arquiteturais e das concepções estéticas, condizentes com minha formação acadêmica como arquiteta e professora de arte.

Logo, estabelecer esse confronto constitui-se como método do trabalho de campo, no qual busco a efetivação dos princípios de uma antropologia comparativa, uma vez que me remeto, no decurso da pesquisa, à poética de um olhar construído sob o viés da dialética entre arquitetura e antropologia: a arquitetura, cujas teorias propõem o espaço como uma dimensão detentora de um sentido pré-existente, dado pela sua função conceitual; a antropologia que concebe o espaço a partir de um sentido polissêmico, atribuído pelo uso e constituído na dimensão do social.

Portanto, tendo sido o método comparativo introduzido na disciplina da antropologia, inicialmente, como ferramenta para o estudo das semelhanças e diferenças entre culturas distintas, proponho a utilização deste método de pesquisa como forma de revelar a abordagem de um olhar construído a partir do confronto e da interseção, entre as concepções teóricas da arquitetura e da antropologia sobre o espaço como referência da memória social.

O fato de que algumas questões deixaram de ser tratadas no estudo anterior a esta pesquisa, decorreu, basicamente, do recorte teórico privilegiado, então, o qual levou em conta os objetivos perseguidos e revelou meu “olhar” de arquiteta diante de meu objeto de estudo – um campo de visão que colocou em foco determinadas questões e relegou aos

bastidores aquelas que fugiam ao escopo de minha investigação. Logo, se antes, a memória era um discurso assimilado na materialidade dos monumentos, cujos sentidos eu podia decifrar no processo de internalização das idéias que conduziram sua construção, agora, como antropóloga, a apreensão deste discurso torna-se possível a partir do conhecimento de uma realidade concreta, que emerge na medida de sua relação com os significados pertinentes à vivência dos engravates na praça Dom Pedro II, que inclui aspectos, tanto concretos quanto simbólicos.

Atenção especial, ainda, foi dada para o tratamento com as imagens, desenhos e fotografias utilizados no texto, como ferramentas que auxiliam para evidenciar a compreensão da realidade à qual me reporto. A fotografia, neste caso, como um recurso, também, apropriado à compreensão da construção da memória. Reporto-me às situações em que eu exibia aos engraxates fotografias que mostravam imagens da praça Dom Pedro II de um tempo remoto, anterior à sua chegada lá. Assim a utilização dessas imagens era uma forma, também, dos engraxates se apropriarem e recriarem o tempo, como ilustra a entrevista realizada com Manoel, diante de uma fotografia (foto 1) apresentada a ele, que mostrava uma imagem antiga da praça, onde não havia mangueiras plantadas, mas sim, palmeiras imperiais¹¹.

¹¹ Esta fotografia me foi concedida por um funcionário do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - à época em que eu ainda realizava os estudos históricos e artísticos sobre a praça, no ano de 1999.



Autor desconhecido – foto realizada provavelmente entre o final do século XIX e início do século XX.

Foto 01 – Legenda original: “Trecho da praça da Independência e monumento ao General Gurjão”

Lizete: Seu Manoel, o senhor conhece este lugar?

Manoel: O que é isso? Da onde é essa foto?

Lizete: O senhor não reconhece? É essa praça!

Manoel: Essa praça aqui? Essa aqui? Não é não!

Lizete: É ... o senhor não está vendo o monumento, os canteiros, os lagos? É a mesma praça.

Manoel: Mas não tem mangueira¹² nessa aqui (falou, apontando para a fotografia). Cadê as mangueiras? só tem essas árvores aqui que não são mangueiras, essas árvores assim ...

Lizete: Nessa época, ainda não tinham as mangueiras. Parecem palmeiras. Acho que palmeiras imperiais.

Manoel: Mas essas mangueiras têm mais de cem anos.

Lizete: Pois é, ... mas o senhor tá vendo o monumento?

Manoel: É mesmo...do Dom Pedro II.

Lizete: Do Dom Pedro II?

Manoel: É. A estátua...é do Dom Pedro II¹³

Lizete: Ah, sim...

¹² Antonio Lemos, ao assumir a administração de Belém, nos finais do século XIX e início do XX, mandou plantar mangueiras para refrescar os espaços da cidade. Ele relata em seus anais, nos quais descreve as propostas de urbanização que implementou na cidade, que o feito devia-se às altas temperaturas da região, o que fazia necessária a existência de árvores de copas frondosas nos espaços públicos. Sobre o assunto consultar: LEMOS, Antonio. O município de Belém. Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém. 6 v., Belém [s.n], 1907-1908.

¹³ Na verdade, a escultura que aparece no centro da foto corresponde ao monumento ao General Gurjão, mas Manoel reconheceu-a como o monumento a Dom Pedro II (não existe monumento em homenagem a Dom Pedro II na praça). Pareceu-me que era óbvio a Manoel que, se o nome da praça é Dom Pedro II, que o monumento principal da praça fosse, portanto, em homenagem a ele, e ainda, que a figura de Dom Pedro II é mais significativa em sua memória do que a do General Gurjão.

Tive, naquele momento, a impressão de ter provocado em Manoel, um certo estranhamento em relação ao lugar o qual ele não reconhecia como sendo a praça onde trabalha. Parecia não reconhecer a praça da fotografia como a mesma que faz parte de sua realidade cotidiana, uma vez que ele não via as mangueiras; não via, inclusive, a mangueira que sombreia seu espaço de trabalho e serve como suporte em torno do qual ele amarra os fios que sustentam o plástico de um azul vivo que cobre sua banca (fotos 2 e 3)



Alexandre Azevedo – 2005

Foto 02 – Vista geral da banca do engraxate Manuel. Ao fundo, o Palácio Antonio Lemos, sede da Prefeitura de Belém.



Alexandre Azevedo – 2005

Foto 03 – Banca do engraxate Manuel, onde ele atende um cliente

A reação de Manoel provocou em mim, também, um estranhamento, mas de natureza diferente, haja vista que eu reconheci, nas suas observações, uma situação para a qual eu ainda não havia atentado, a de que não existem mangueiras na fotografia que eu mesma lhe mostrei. O fato que me evidenciava que aquela era a praça D. Pedro II correspondia à constatação de ver, na imagem, o monumento erguido em homenagem ao General Gurjão e, também, de poder ler, na legenda da fotografia, o antigo nome pelo qual a praça era conhecida no século XIX: *Praça da Independência*. Refleti, então, como os significados de cultura e memória relacionados à *praça* são diferentes para nós: para Manoel, o mais significativo na imagem eram as mangueiras; na verdade, a ausência delas. De outro modo, para mim, o elemento evocativo da memória da *praça* no contexto da foto, era o monumento, e, sobre a ausência das mangueiras apontada por ele, eu não havia me dado conta. Ocorreu-me que as mangueiras são parte significativa de sua realidade, pois elas estão incorporadas ao seu fazer na praça, na medida em que o protegem das chuvas e do calor do sol, tendo assim, um sentido que interfere em sua vida.

Esse confronto de apropriações sobre uma mesma imagem, cujos significados são atribuídos por percepções distintas da realidade, traduz modos de pensar e recriar os sentidos daquele universo, que no caso da fotografia, ora em discussão, foi um tempo não reconhecido, mas que não se restringe a este fenômeno. Outros confrontos de percepção podem advir da observação sobre as relações diferenciadas entre todos os engraxates e demais pessoas que trabalham, circulam ou moram na *praça*, percurso que pretendo seguir, verificado na alternância de um ir e vir no tempo e no espaço.

O primeiro capítulo apresenta uma descrição etnográfica do espaço, evidenciando minha inserção no campo enquanto pesquisadora, para a verificação e o entendimento dos significados atribuídos pelas práticas sociais naquele espaço, através dos diferentes agentes.

Outro aspecto evidenciado neste capítulo trata da disposição e circularidade dos engraxates na praça D.Pedro II, destacando sua relação com as demais pessoas que trabalham, vivem ou transitam naquele espaço. Desta forma, por meio da observação sobre o modo como o lugar está sendo apropriado por essas pessoas, viso analisar a dinâmica de ocupação e uso do espaço no cotidiano da praça – relacionando estes aspectos à dinâmica social.

O segundo capítulo versa sobre os aspectos relativos às condições de existência expressas em suas histórias de vida, de forma a buscar a compreensão das trajetórias que levam os engraxates a ser engraxates. Abordo ainda, neste capítulo, o trabalho do engraxate como uma prática efetiva de integração na relação com os clientes e com o espaço da praça. Outrossim, verifico como sua relação com os clientes é marcada por uma dimensão política, dada, também, pela própria localização do seu local de trabalho – a praça Dom Pedro II.

Para isso, fundamento minhas considerações, nas proposições teóricas de Eric Hobsbawn, que dedica em sua obra “O mundo do trabalho”, um capítulo para falar justamente dessa dimensão política que envolve o discurso e a vida dos sapateiros ou “remendões”, termo este que o autor utiliza para se referir a essa classe de trabalhadores que lida com conserto de sapatos (e que no âmbito deste trabalho, trato como engraxates, denominação usada por eles mesmos para se auto-referenciar).

No terceiro capítulo, desenvolvo algumas proposições sobre a construção da memória social na relação com o sentido que é atribuído à dimensão espacial, e que traduz as representações e os significados referentes aos modos de vida dos engraxates que trabalham na praça D.Pedro II. Destaco, nesta perspectiva, a construção da memória social como uma representação articulada na relação entre as referências de tempo e espaço, apropriadas pelos engraxates e expressas em suas histórias de vida.

CAPÍTULO I

1. Uma praça entre engraxates

1.1 A poética do olhar e o espaço vivenciado

“Conta a lenda que quando Francisco Caldeira Castelo Branco aportou no Igarapé do Piri, viu o outeiro do atual Forte do Castelo e quis desembarcar no sítio. Mas, teve antes, que pedir licença à Cobra Grande, que concordou...”¹⁴

A primeira vez que me dirigi à praça Dom Pedro II, com o objetivo de realizar o trabalho de campo inicial para o desenvolvimento desta pesquisa, ocorreu-me que aquele não era o mesmo lugar onde eu estivera seis anos antes, estudando os estilos dos monumentos escultóricos, a forma dos lagos, dos canteiros gramados ou a configuração do seu espaço físico.

À época, eu me detinha na leitura dos monumentos e meu olhar estava direcionado para o espaço finito da arquitetura, como um espaço que expressa uma função conceitual, pré-determinada por um conhecimento anterior, e que me permitia ver aquele lugar unicamente como uma praça, na acepção formal que temos dessa dimensão física: como receptáculo de efígies laudatórias e lugar de contemplação ou lazer. Eu não me detinha, então, em olhar para as pessoas como forma de apreender os significados da cultura. Estes, eu buscava na leitura da matéria expressa em pedra, e assim, eu compreendia a praça Dom Pedro II como uma construção material, fruto da expressão de uma cultura inserida em determinado contexto histórico.

¹⁴ Trata-se de uma lenda relacionada ao lugar sobre o qual foi construída a praça Dom Pedro II. Ali existia um igarapé que, abrangendo hoje, uma área ocupada por esta praça e pela praça Frei Caetano Brandão junto com o acervo arquitetônico constituído pelo Forte do Castelo, Museu de Arte Sacra, catedral da Sé, desembocava na Baía do Guajará. No imaginário dos primitivos habitantes da região, a lenda expressa a chegada de Francisco Caldeira Castelo Branco, fundador de Belém. Mais tarde, conforme indica a lenda, a “Cobra Grande” iria fazer morada embaixo do altar-mor da Catedral da Sé, nas imediações do hoje extinto, Igarapé do Piri.

Agora, seis anos depois, no contato com os engraxates, eu apreendia nas narrativas sobre suas histórias de vida, tão ricas de acontecimentos, pessoas e lugares, surgirem, articuladas na alternância do tempo, uma forte relação com a praça Dom Pedro II – seu ambiente de trabalho.

Dentre essas histórias, refiro-me àquelas contadas por Manoel e Paulista, sobre os navios que atracavam no Porto¹⁵, trazendo pessoas de todos os lugares do mundo e que, segundo minha mãe comentava, ela corria para vê-los chegar e ficava imaginando muitas histórias sobre aquelas pessoas tão distantes de seu mundo. Foi com ela que aprendi, também, sobre a lenda da “Cobra Grande” que já havia morado no Igarapé do Piri, “embaixo” da *praça*. Em algumas dessas histórias, para minha surpresa, eu me reconhecia. Na verdade, reconhecia as recordações que minha mãe tinha sobre o lugar, pois, em sua infância, ela havia morado no bairro da Cidade Velha, e freqüentava esta e outras praças daquelas imediações. Recordações que, algumas delas, ela havia herdado de seus avós, e eu havia herdado dela. Lembranças que hoje são parte de minha memória e que, conversando com os engraxates eu atestava serem parte de suas recordações também.

Ao ouvir as narrativas dos engraxates, eu me reencontrava com as histórias contadas por minha mãe, pois eles também lembravam dos navios atracados no *Porto*, lembravam de histórias passadas na *praça*, e dos arredores freqüentados por turistas. Diziam que era “um tempo bom”, mais movimentado, melhor para o seu trabalho. Informavam sobre um igarapé, “é verdade, embaixo da *praça*”, e alguma coisa lembravam “sobre uma lenda da Cobra Grande, mas que é besteira...é só lenda”.

Estranhamente eu me sentia gratificada com as histórias que ouvia e foi, então, que comecei a entender o real sentido da memória na vida dos homens, e experimentei, de maneira consciente, sua função agregadora. À medida em que eu compartilhava de algumas

¹⁵ Porto da Doca do Ver-o-Peso, localizado nas imediações da praça Dom Pedro II.

lembranças dos engraxates, ainda que minhas lembranças se tivessem constituído em um âmbito familiar, eu começava a sentir mais afinidade com eles e percebia que, ao dividir tais recordações, as barreiras existentes normalmente entre pesquisador e seus interlocutores, iam sendo, mais facilmente vencidas. Eu já não me percebia tão distante deles, como mulher, pesquisadora, no meio daquele espaço tomado por trabalhadores e moradores da praça, na sua maioria homens. As recordações comuns entre mim e eles aproximavam-nos e pareciam dar mais sentido a minha presença ali; e eu podia notar que, para eles, as coisas aconteciam do mesmo modo. Quando eu falava para eles das recordações que tinha sobre as histórias que minha mãe contava, a respeito desses lugares que ela percorreu na infância, muitas delas eles reconheciam, depois continuavam seus relatos, às vezes, no meio de seus depoimentos, paravam para perguntar se minha mãe já tinha me falado desse ou daquele acontecimento. Essa situação foi sendo construída aos poucos, dos dois lados, e eu a via adquirir manifestações cada vez mais simbólicas, expressos nos apertos de mão ou nos abraços que eu recebia deles ao chegar à *praça*, nos sorrisos e nos olhares afáveis, nas canetas coloridas que ganhava de presente.

Lembro do dia em que cheguei à praça e Américo (foto 4) entregou-me uma caneta cor de rosa, que tirou do bolso de sua camisa. Eu sorri e perguntei-lhe: “é para mim?”. Ele, então, respondeu: “é. É de coração...aceite”. De minha parte, eu mandava ampliar as fotos que registrava deles, e presenteava-os com elas.



Lizete Sobral – 2004

Foto 04 – O engraxate Américo

Antes disso, meu trabalho de campo foi muitas vezes interrompido por um simples aceno de cabeça, uma negativa direta: “hoje eu não quero falar, estou ocupado”, ou pelo gesto de alguém que não queria ter o seu trabalho interrompido. Eu, porém, não via estas situações como uma repulsa, mas como o anúncio de alguém que simplesmente não estava disponível naquele momento.

Vivenciar as práticas constituídas naquele universo possibilitou-me extrair da dimensão meramente física e adentrar em outra esfera, para pensar que os limites das relações humanas não são dados simplesmente pela condição territorial. De outro modo, estes são mais abrangentes e suscetíveis para a recepção dos sentidos que se queiram atribuir às coisas do mundo, pois o simples fato de eu estar na *praça* não era fator determinante para um contato com os engraxates, a não ser que eles acenassem neste sentido. Assim é que, ao começar a olhar a *praça* do ponto de vista das pessoas, eu passei a ver aquele contexto social, compreendendo outros significados, os quais antes eram invisíveis. Eu não via mais uma

praça unicamente, mas outro ou outros lugares, e com outros sentidos - expressos na relação de uma função atribuída à sua dimensão física, pelo uso que os indivíduos pudessem fazer dela.

Sob esta perspectiva, eu via aquele espaço conduzido por uma ação social; como um espaço vivido, cujas fronteiras são mais plásticas que as fronteiras do espaço físico, na medida em que podem ser remodeladas a todo momento de acordo com os interesses pertinentes às práticas sociais.

Ferrara (2001)¹⁶ destaca o uso como elemento determinante, correspondente aos significados impressos nos espaços vivenciados no âmbito social, considerando que as relações humanas se estabelecem nesse universo contextual, na medida em que o sujeito consegue se expressar através de uma linguagem particular a sua inserção social. Essa linguagem, por meio da qual os indivíduos se comunicam na imediaticidade da vida social, neste caso condicionada ao meio urbano, se dá na relação entre a função dos espaços e os interesses sociais; ou seja, a maneira como as pessoas se apropriam do espaço físico, atribuindo funções a ele, é o que reproduz sua fala, diz ela.

Para a autora, uma praça, por exemplo, “só encontra seu espaço contextual no momento em que é flagrada numa seleção de usos que lhe atribui significado” (FERRARA, 2001, p. 120).

Ocorre que, se essa seleção de usos se dá de forma sistemática e cotidiana, tal prática irá determinar a existência de uma situação de ordem histórica e simbólica, uma vez que se caracteriza pela ação de uso contínuo e que confere significado.

Neste sentido, buscar apreender o universo das histórias de vida que se desenrolam no cenário da praça Dom Pedro II, para a construção que se quer compreender

¹⁶ Cf. FERRARA, Lucrécia. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

atrelada ao lugar, implica efetuar uma leitura também, sobre a “memória dos usos desse lugar”, expressão usada por FERRARA, para se referir à sucessão, na história, dos usos que fazemos de um lugar, seja este público ou privado. Segundo a autora, a memória dos lugares está marcada, então, pela utilização que determinado grupo social faz deles em uma espécie de continuidade histórica, e que, assim, acaba por concebê-los com um mesmo significado, promovendo uma ação agregadora entre os indivíduos do grupo.

E, na apreensão de um significado atrelado ao uso, eu via a praça sendo apropriada, principalmente, como local de trabalho, na medida em que salta aos olhos sua ocupação e o intenso movimento de pessoas desempenhando as mais diversas atividades. Aliás, sua posição estratégica, em relação ao contexto do centro histórico de Belém, favorece sua ocupação neste sentido.

Com quase duzentos anos de existência, a praça Dom Pedro II abrange uma área de 18.917m² e está assentada no local aterrado sobre as águas do Igarapé do Piri. No passado, esta área correspondia à principal entrada da cidade de Belém, onde desembarcavam os navios que chegavam navegando pela Baía do Guajará. É hoje um lugar de tradição e memória, ladeado por prédios institucionais e casarões coloniais. A rua padre Champagnat a separa da Praça do Relógio, o que torna muito amplo o espaço ajardinado dessas áreas. Ao fundo, a Doca do Ver-o-Peso, com a multidão colorida de barcos que trazem das regiões ribeirinhas do interior do estado, frutas, peixes e pessoas de todas as origens, classes e cores. Mais além, a Baía do Guajará, que se estende até o longínquo horizonte, delineado por estreita faixa verde de vegetação (foto 5).



Foto 05 – Vista Panorâmica da Cidade de Belém, onde se destaca, ao centro da imagem, a praça Dom Pedro II, estabelecendo os limites territoriais entre os bairros da Cidade Velha e do Comércio.
(FONTE: CODEM)

Seu desenho atual resulta da última grande reformulação empreendida no centro histórico de Belém, no final do século XIX¹⁷, na qual a praça aparece configurada como eixo de distribuição entre três áreas principais, que dividiam o centro histórico em setores distintos: a área central, defronte ao palácio dos Governadores e Palácio da Intendência, correspondente ao setor administrativo; o setor religioso, representado pela catedral da Sé e separado da praça Dom Pedro II pela rua Thomázia Perdigão; e, finalmente, o setor comercial, estendendo-se para além do limite da avenida Portugal, em direção ao bairro do comércio (foto 06). É notável a forma como a dinâmica social da *praça* se expressa como reflexo dessas três dimensões, evidenciando, assim, um rebatimento, em dimensão mais restrita, das práticas tanto religiosas, como econômicas e políticas, marcadas, cada uma delas,

¹⁷ No período compreendido entre os anos de 1897 e 1908, a responsabilidade administrativa da cidade de Belém esteve a cargo do Intendente Antônio Lemos. Nessa época, Lemos desenvolveu propostas de reformulação dos espaços urbanos de Belém. Assim, baseando suas propostas nos ideais estéticos das cidades européias do final do século XIX, e nas concepções urbanísticas da cidade humanista grega, mandou construir grandes áreas ajardinadas, de forma a promover a aeração e embelezar os espaços da cidade. Consultar em: SOBRAL, Maria Lizete Sampaio. No Compasso da Praça: Monografia de Especialização em Memória e História da Arte. Belém.2001. (mimeo).

por situações de temporalidade e espacialidade específicas. De certo modo, essas manifestações são redimensionadas e trazidas para uma esfera mais concreta, notadamente relacionadas aos fatos que se desenrolam naquele espaço, em um tempo determinado para acontecer. É o caso dos acontecimentos correspondentes a marcos que transbordam para os cenários da praça, como as manifestações do Círio de Nazaré¹⁸, identificadas na procissão religiosa¹⁹, no Auto do Círio²⁰ e na Feira de Artesanato dos Brinquedos de Miriti²¹, popularmente conhecida como Feira do Piri²², e ainda, das manifestações políticas, como o ato de protesto dos professores das escolas municipais, que tentaram invadir, em junho de 2005, o palácio da prefeitura situado defronte à *praça*, local onde o prefeito despacha. Acontecimentos estes que resvalam para os espaços da praça, e, de alguma forma, interferem no seu cotidiano.

O episódio relacionado ao protesto dos professores, ocorrido um dia antes de uma visita minha à praça foi relatado por Paulista da seguinte forma: “o negócio foi feio aqui ontem. Eu quase levei uma bala...porque teve até tiro. A gente teve que parar de trabalhar e ir embora para a casa. Não deu mais pra ficar”.

¹⁸ O Círio de Nazaré corresponde à principal festa religiosa da cidade, e homenageia a sua padroeira Nossa Senhora de Nazaré.

¹⁹ A procissão do Círio de Nazaré ocorre todos os anos no segundo domingo de outubro. A procissão tem início ao cair da madrugada, com missa rezada na Catedral da Sé, homenageando Nossa Senhora de Nazaré. Ao terminar a missa, milhares de fiéis saem da Catedral localizada nas imediações da praça Dom Pedro II, para acompanhar a berlinda que protege a santa, em uma procissão que a pé, acompanha um percurso de 5 Km, até a Basílica de Nazaré, situada no bairro de Nazaré. Na procissão, os fiéis atravessam os espaços da praça Dom Pedro II, sobretudo as áreas mais próximas à travessa Padre Champagnat, caminho por onde a procissão passa.

²⁰ O auto do Círio é uma manifestação circunscrita ao período dos festejos do Círio de Nazaré. Acontece na noite da sexta-feira anterior ao Círio de Nazaré e, nesta pequena procissão, um número menor de pessoas (se tomarmos como parâmetro os milhares de fiéis da festa de religiosa), em torno de algumas centenas, partem do Largo do Carmo, no Centro histórico de Belém e caminhando por algumas ruas do bairro da Cidade Velha dirigem-se para o ato final, a qual se dá nas abrangências da praça Dom Pedro II.

²¹ A feira do Piri tem como espaço de realização a praça Dom Pedro II e acontece durante o dia, no sábado, véspera da procissão do Círio de Nazaré. Ali, os artesãos expõem os brinquedos, artesanato típico dessa festa, confeccionado em miriti, planta extraída das regiões ribeirinhas do estado do Pará.

²² Nome alusivo ao antigo Igarapé, que foi aterrado.

Foto 06 – Foto aerofotogramétrica da cidade de Belém. A área circundada em vermelho corresponde à Praça Dom Pedro II, eixo do contexto circunscrito pelos setores administrativo, religioso e econômico (estes identificados pelas interferências ilustrativas na foto).
(FONTE: CÓDEM)

Assim, na medida em que a praça Dom Pedro II apresenta essa localização tão estratégica, seu universo social está suscetível aos acontecimentos inusitados, mas nem por isso, essa situação representa um obstáculo para as práticas de trabalho. Américo, ao se reportar ao mesmo acontecimento de protesto, comentou:

“...agora, é o seguinte...me diga, para onde é que a gente vai se sair daqui? A gente tem que ir levando essas coisas. Não tem outro jeito, não tem outro lugar...eu já estou aqui há 39 anos. Mesmo com tudo isso, aqui ainda tem um movimentozinho”.

Em função de sua localização, portanto, a *praça* sempre se constituiu em um local movimentado, e, como mostra a fotografia (foto 07) ilustrando vendedores de jasmim (provavelmente tirada entre os finais do século XIX e inícios do século XX)²³, tem sido, ao longo do tempo, usada como espaço de trabalho, exercendo até hoje esta vocação, situação que pode ser evidenciada no depoimento de Manoel:

“Eu gosto de trabalhar aqui porque tem o pessoal do Palácio da Justiça, o pessoal que vem daqui (informou, mostrando o Porto do Ver-o-Peso, com os barcos ancorados). Eu conserto sapato do pessoal que chega aqui, que vem do Mojú, de Abaeté, Igarapé-Miri, de Barcarena, daqui de Ponta de Pedra (ele falava, referindo-se aos visitantes provenientes de outras localidades, a maioria da²⁴ Região das Ilhas no estado do Pará). De todo lugar vem gente consertar sapato aqui. Se eu sair daqui, pronto...”



Foto 07 – Vendedores de jasmim
(FONTE: Álbum Iconográfico ‘Belém da Saudade’ – Belém/Pará)

²³ É possível que este tipo de ocupação seja anterior àquele identificado com a fotografia, no entanto, não disponho de outros registros iconográficos ou escritos para afirmar tal fato.

²⁴ A principal forma de acesso das cidades dessa região até a capital, Belém, se dá, por via marítima.

1.2 O uso e a demarcação dos espaços na praça Dom Pedro II

Atualmente, a apropriação e demarcação das áreas da *praça*, parece traduzir a existência de uma fronteira imaginária, delimitando a praça Dom Pedro II em dois espaços bem diferenciados com relação ao uso. Um deles, tomado de vendedores ambulantes que passam com carrinhos de madeira empurrados à mão ou paneiros²⁵ cheios de frutas na cabeça, anunciando em voz alta, os produtos que vendem: “olha o cupuaçu!”, “olha o bacuri!”, “quem vai querer a graviola?”, “manga da boa!”, “olha o maracujá!”. Outros ambulantes vendem doces, cigarros, amendoins e há, ainda, os pipoqueiros com seus carrinhos coloridos (foto 08).



Lizete Sobral – 2004

Foto 08 – Pipoqueiro e vendedor ambulante na Praça Dom Pedro II.

Essas são as pessoas que transitam pela *praça*, quase que diariamente. Existem, também, aqueles que fazem da *praça* o seu espaço de trabalho diário e constante, chegando pela manhã e saindo ao anoitecer. Entre esses trabalhadores, estão os três proprietários das bancas de venda de revistas e jornais, duas delas localizadas na área mais movimentada da

²⁵ Espécie de cesto confeccionado com fibra vegetal.

praça, voltada para a avenida Portugal; a outra, na calçada oposta a este lado mais movimentado. Existem ainda as bancas de venda de rua, a maior parte delas voltadas de frente para a avenida Portugal, que têm a praça Dom Pedro II como seu cenário de fundo. É nessas pequenas barracas cobertas de plástico, que são vendidos os mais diversos produtos ao público que passa. Outra parte dessas bancas de vendas de rua localizam-se no outro lado da *praça*, na calçada que se estende ao longo da rua Thomázia Perdigão.

No meio dos canteiros gramados e sobre as calçadas espalham-se os sete engraxates que trabalham na praça D. Pedro II: Paulo, Miguel, Manoel, Sebastião, “Paulista”, Américo e Juraci. São eles, conforme todos reconhecem ali, as pessoas que há mais tempo trabalham nos espaços da *praça*.

Além destas pessoas que freqüentam o local, em virtude de seu trabalho, encontram-se, ali, os moradores da *praça*, que parecem estabelecer uma espécie de fronteira, não tão imaginária como eu pensava inicialmente, e que, justamente encontram-se localizados em uma situação que resulta nessa divisão de áreas tão distintas, configuradas, cada uma delas, por um fluxo menos ou mais intenso de pessoas. É como se eles constituíssem os limites entre duas praças existentes dentro de um mesmo espaço contínuo: uma delas menos movimentada, cuja área mais sombreada pela quantidade maior de mangueiras, parece um bosque; a outra, mais movimentada e cheia de vida, uma praça verdadeiramente – na compreensão que temos desses espaços, como lugares cheios de gente, cor e movimento. Neste grupo, as pessoas não são sempre as mesmas, posto que estão, comumente, deslocando-se para outras áreas da cidade, mas nem por isso deixa de se constituir como um grupo que estabelece uma freqüência permanente no lugar. Os moradores da praça ocupam a área imediatamente circundante ao monumento do General Gurjão, que fica localizado no centro da praça. Ali eles estendem, no gradil que cerca o monumento, as roupas que são lavadas nas águas de um cano quebrado por eles (fotos 09 e 10). A esse respeito, Manoel informou, certa

vez: “esse pessoal aí, quebrou o cano da praça. A senhora está vendo aquela água que fica saindo todo tempo na grama? Pois é...sai do cano que eles quebraram pra tomar banho”.



Lizete Sobral – 2004

Foto 09 – Moradores da Praça



Lizete Sobral – 2004

Foto 10 – Um dos moradores da Praça no local ocupado por eles: a área circundante ao monumento do General Gurjão

É perceptível uma dinâmica de organização, não só do espaço, mas das práticas sociais relacionadas ao trabalho, que têm nas categorias específicas das atividades desenvolvidas ali, seu elemento ordenador. Destaca-se, assim, uma certa especialização das áreas, na *praça*, correspondentes a essas atividades (figura 01). E, para além desta divisão mais geral em duas grandes áreas, caracterizadas, uma por um maior fluxo de pessoas, outra por um fluxo menos intenso, existem as fronteiras ligadas às atividades desenvolvidas na área mais movimentada. Deste modo, tal dinâmica parece traduzir duas formas diferenciadas de divisão do espaço: uma mais ampla, que se dá pela caracterização dos fluxos, e que tem os moradores como fronteira; outra mais restritiva, marcada por uma divisão mais específica ainda, de acordo com o ofício que seus ocupantes desempenham. É como se cada setor da *praça* estivesse rotulado com as marcas identificatórias dos indivíduos que exercem essas atividades.

Assim, a partir desta compreensão, eu identifiquei três categorias de trabalhadores que, atualmente, exercem atividades de trabalho permanentes na praça Dom Pedro II: os

comerciantes das bancas de venda de revistas e jornais; os comerciantes de bancas de venda de rua e os engraxates.

Na época em que dei início ao trabalho de campo, em junho de 2004, pude identificar outra categoria de trabalhadores a ocupar a praça Dom Pedro II: os vendedores de côco que, como atravessadores, abasteciam as bancas de venda de côco. Assim, esses trabalhadores instalavam-se, com seus carrinhos de madeira, sobre um dos caminhos da *praça*, na mesma área ocupada pelos engraxates. Eles se diferenciavam dos outros vendedores de bancas de venda de rua, primeiramente, porque não se instalavam nas calçadas, mas entre os engraxates e, ainda, porque eles tinham como clientes não só o público que freqüentava a *praça*, mas, também, os próprios vendedores de bancas de venda de rua – tanto aqueles que trabalhavam na praça Dom Pedro II, como vendedores de outros lugares da cidade (foto 11). Durante o dia, e também à noite, eles vendiam côcos como atravessadores, sendo que, pelo período noturno, somente, eles aguardavam os caminhos que vinham abastecer seus carrinhos, havendo, inclusive, um vendedor que dormia na *praça*, chamado Walmir. Segundo Manoel, no segundo semestre de 2005, esses trabalhadores pararam suas atividades de trabalho na *praça*, pois foram transferidos para outro lugar, conforme determinação da administração municipal do prefeito Duciomar Costa.



Alexandre Azevedo – 2004

Foto 11 – Os vendedores de côco, que trabalhavam como atravessadores na *praça*, colocavam seus produtos nos caminhos cimentados e sobre os carrinhos de madeira. Hoje, esses trabalhadores não se encontram lá.

Figura 01

1.3 Os comerciantes das bancas de venda de revistas e jornais

Na confluência da travessa Padre Champagnat com a avenida Portugal encontram-se, sobre a calçada, duas bancas de revistas, uma delas voltada para a travessa Champagnat (foto 12) e a outra para a avenida Portugal. Estas duas bancas estão situadas em uma área privilegiada da *praça* em termos de movimentação; pois é justamente a área que faz limite com o bairro do comércio, fato que favorece seu movimento, caracterizado por um fluxo de pessoas mais intenso e sem variações ao longo do ano. A outra banca de revistas, isolada na extremidade oposta da *praça*, e localizada na calçada da rua Thomázia Perdigão, faz frente para a Assembléia Legislativa, situação que interfere na frequência de clientes, pois, segundo me informou seu proprietário, Douglas Nogueira, “a movimentação é melhor quando a Assembléia não está em recesso. Por isso, os meses mais fracos são julho, janeiro e fevereiro”.



Alexandre Azevedo – 2004

Foto 12 – Ao fundo, banca de revista situada de frente para a travessa Padre Champagnat.

Certa vez, eu conversava com Luis Otávio, pai de Douglas, sobre a ocupação dos espaços da praça e ele comentou a respeito de sua relação com os outros trabalhadores, referindo-se inclusive aos engraxates.

Luis Otávio: Aqui, a gente fica mais pra esse lado...quase não tem contato com o pessoal do lado de lá. Agora eu sei que lá tem um pessoal bem antigo. Os engraxates...

Lizete: Você conhece algum deles?

Luis Otávio: Não...não conheço ninguém. Eu estou aqui há 11 anos, mas nunca engraxei mais sapato. Eu já engraxei há 30 anos atrás, 40 anos atrás. Quando eu ia para a missa, eu tinha que engraxar. Depois, apareceu o Nugget²⁶...então...e também, essa profissão está quase extinta. Se tiver dois aí na praça é muito.

Lizete: Tem sete.

Luis Otávio: Sete? Eles estão resistindo ao tempo! Eu não sabia que tinham tantos assim...eles estão há muitos anos aí...mas eu não conheço eles. Agora, nem Nugget eu uso mais...só uso tênis²⁷

Naquele momento, um homem se aproximou e disse conhecer Paulista, um dos engraxates. Ele não se identificou pelo nome, mas disse, mostrando uma máquina fotográfica dessas que revelam fotos instantaneamente: “Eu sou fotógrafo e trabalho aqui ao lado da banca, tirando fotos 3x4 na hora. Eu conheço o Paulista. Ele é meu amigo. Já fiz até um serviço pra ele...de graça, tirei uma foto dele para ele colocar na carteira de idoso, mas não cobrei, que a gente é amigo, né?”²⁸.

1.4 Os comerciantes das bancas de venda de rua

Da mesma forma, que os proprietários das bancas de venda de revistas, os donos das bancas de venda de rua distribuem-se entre duas áreas distintas da praça, sendo que um número bem maior desses vendedores (em torno de doze) localiza-se na área mais movimentada (foto 13), e outros cinco apenas, na mesma área onde está situada a banca de revistas de Douglas. Dentre estes, três vendedores não efetivam uma ocupação permanente,

²⁶ Cera líquida comercializada em supermercados. O frasco deste produto facilita o manuseio pois o líquido pode ser passado diretamente sobre o sapato, evitando o contato das mãos com a cera.

²⁷ Entrevista concedida em janeiro de 2006.

²⁸ Depoimento concedido em janeiro de 2006.

explicada pela mesma situação que Douglas narrou, a respeito do movimento diminuir quando as atividades na Assembléia param, durante os períodos de recesso. Luciano, vendedor de bolinhos de caranguejo e camarão, disse que nesses períodos, prefere “fechar a banca e ficar em casa sem trabalhar. Dá menos prejuízo”.

Quando iniciei os trabalhos de campo, pude observar que os proprietários das bancas de venda de rua ocupavam tanto a esquina da *praça* que corresponde à confluência das ruas Thomázia Perdigão e rua da Praça, como a calçada que se estende ao longo da avenida Portugal, sendo que estas últimas eram em maior número, e concentravam-se na área mais movimentada da praça Dom Pedro II. Algumas destas bancas da avenida Portugal foram retiradas pela administração municipal atual do prefeito Duciomar Costa, e hoje, limitam-se a um número mais reduzido (como já foi referido, em torno de doze) em relação ao que havia anteriormente. Sobre o feito, Manoel informou:



Alexandre Azevedo – 2005

Foto 13 – Bancas de venda de rua ocupando a calçada da Avenida Portugal

“o prefeito mandou tirar...daí, a fiscalização veio aí e falou que eles iam ser transferidos porque eles atrapalhavam as pessoas. Só que eu não sei para onde eles foram. Eles não eram daqui mesmo. Eles trabalhavam lá na Praça do Relógio, mas aí, quando o Edmilson²⁹ mandou ajeitar lá, passou eles pra cá. Então, essas barracas ficaram ocupando a calçada e o movimento aí era bem grande. Agora, diminuiu muito”.

²⁹ Manoel referia-se às obras correspondentes às propostas de reformulação desenvolvidas pelo projeto *Monumenta*, de competência da prefeitura de Belém, que no ano de 2004, era administrada por Edmilson Rodrigues. O projeto tinha como objetivo recuperar algumas áreas dos bairros da Cidade Velha, Campina e Comércio em Belém, como: a praça Frei Caetano Brandão (localizada em frente à catedral da Sé), a Praça do Relógio, a Feira do Açaí, e ainda, as praças da Trindade e das Mercês. Com o término do mandato do prefeito Edmilson Rodrigues, a atual administração do prefeito Duciomar Costa retomou as obras.

A retirada dessas bancas veio provocar a diminuição da freqüência de pessoas, sobretudo, durante o período noturno, pois, quando o número de bancas era maior e algumas delas continuavam funcionando durante a noite, as bancas de venda de bebidas alcoólicas estendiam-se atendendo os clientes até o início da madrugada. Ainda à época em que essa movimentação era mais intensa, certa noite eu fui até à *praça*, a fim de observar a dinâmica noturna e constatei essa movimentação diferenciada. Algumas pessoas bebiam e dançavam ao som da música que tocava. Nesses momentos, eu ia acompanhada de um amigo até o local, por temer ir sozinha nesses horários. Então, um dos homens que se encontrava bebendo em uma das bancas, pediu que nós tirássemos uma foto dele. O homem levantou seu copo, fazendo um brinde e nós registramos a foto (foto 14). Algum tempo depois, quando eu mostrava algumas fotografias a Manoel, ele se deparou com esta foto e comentou, surpreso:



Alexandre Azevedo – 2005

Foto 14 – Vadinho, amigo de Manoel

“olha! Eu conheço esse cara aqui! Ele era meu amigo...me ajudava a carregar meu material lá pro depósito. Ele tinha um carrinho de mão e fazia frete com ele. Às vezes eu pagava ele para levar minhas coisas...ele morreu... coitado...de cachaça. Olhe, é por isso que eu deixei de beber e fumar. Isso acaba com a gente, acaba com a vida do homem, é uma desgraça. Eu fumava e bebia. Pegava o meu dinheiro e gastava só com isso. Agora não saio daqui, vou para minha casa, chego lá, tomo meu banho, fico com o meu netinho e vou dormir. Acabou com ele, o Vadinho...”

Na lembrança do amigo, Manoel acessa um passado recente, o qual permite que ele elabore sua própria condição de vida. Entre um ir e vir no tempo, Manoel estrutura seu presente, aqui evidenciado pela condição de alguém que parou de beber e de fumar, reafirmando uma identidade que, confrontada com a história de vida do amigo, o referencia no mundo.³⁰

Atualmente, não existem bancas de venda de bebidas alcoólicas na praça, durante o período noturno.

Outras bancas vendem produtos os mais variados: cigarros em unidade, bombons, doces³¹, canetas coloridas, salgados³², lanches³³ churrasquinhos, refrigerantes; sendo importante destacar que esses produtos são comercializados de acordo com a especificidade de venda de cada banca, e servem não só ao público, mas, também, às pessoas que trabalham na *praça*, pois muitas vezes, estas fazem suas refeições por ali mesmo. A esse respeito, Paulo informou: “eu como por aqui mesmo. Não volto pra minha casa pra almoçar. Aqui ninguém faz isso, que eu saiba. Eu só merendo”. Já Manoel, disse que ele, normalmente, almoça na feira do Ver-o-Peso, localizada próximo à *praça*: “como meu filho³⁴ agora está vindo me ajudar, primeiro eu vou almoçar lá na feira e ele fica aqui...depois, é ele que vai. Mas quando eu estou cansado, a gente se vira aí nas barracas”.

³⁰ Cf. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1989. Considerando a existência dessa esfera individual, constituinte de uma dimensão maior e mais universal, Halbwachs compreende a memória como um fenômeno o qual se processa nas lembranças que recorrem às histórias de vida experienciadas no contexto social. Assim, a memória que dá sentido aos vínculos de coesão social, é uma construção essencialmente coletiva.

³¹ Os doces vendidos nas bancas correspondem a cocadas e fatias de bolo de macaxeira, planta nativa da Amazônia.

³² Geralmente os salgados vendidos são pastéis de carne e coxinhas de galinha.

³³ Como lanche, as bancas oferecem sanduíches de pão com queijo.

³⁴ Depoimento concedido em novembro de 2005.

1.5. Os engraxates

Em novembro de 2005, quando foi realizada a entrevista em que conheci Walber (foto 15), filho de Manoel, rapaz de 28 anos, ele contou estar trabalhando com seu pai havia dois meses: “porque minha filha nasceu e como eu estava desempregado, vim para cá ajudar meu pai...mas eu não sou engraxate. Só estou ajudando ele para tirar uns trocados”.



Alexandre Azevedo – 2005

Foto 15 – Válber filho de Manoel

A negativa de Walber, na verdade, me apontava uma afirmação, que expressava o sentimento de ser engraxate, condição esta que entrevejo relacionada à construção de uma história pessoal e, também, coletiva atrelada ao lugar. Assim, o sentir-se engraxate na *praça* implicava uma ligação com a prática de um trabalho desenvolvido naquele lugar durante um determinado período da vida desses homens. Essa parecia ser a condição a

fim de determinar quem era ou não engraxate na *praça*, mesmo que se trabalhasse engraxando e consertando sapatos ali.

Este era o caso de Walber, que, mesmo ajudando seu pai no ofício de engraxate, não tinha um espaço próprio de trabalho uma vez que ele trabalhava sentado ao lado do pai; assim como não tinha ainda, construído uma história sua no lugar. Deste modo, nem ele, nem o pai, nem os outros engraxates o consideravam detentor de um espaço que evidenciasse uma identidade constituída na relação concreta com aquele universo.

Logo, a demarcação de um espaço próprio e permanente de trabalho é um aspecto atrelado a esses laços de ligação e permite o reconhecimento de uma inserção à dinâmica social circunscrita ao cenário da praça.

Assim é que os engraxates da praça dom Pedro II organizam-se inseridos em uma ordem social que é própria ao lugar e sem a qual ele não existiria da forma como o apreendemos. Essa situação de organização social encontra-se relacionada a sua permanência, como trabalhadores, naquele mesmo lugar, em uma espécie de continuidade histórica que chega a contar 20, 30 ou 40 anos. No entanto, não é a contagem dos anos que traduz essa tradição no uso dos espaços, e sim o fato de que esses indivíduos estão no mesmo lugar, durante tanto tempo, constituindo um coletivo no qual eles são a própria expressão dos rituais vividos ali; assim como são a tradução das normas que elegeram para se auto-referenciar. Esses personagens vêm, ao longo dos anos, repetindo práticas que os integram ao lugar, pertinentes às representações que foram forjadas entre eles, dentro de seus grupos; sejam estas referentes à ocupação espacial da praça, ao preço que eles cobram para engraxar os sapatos ou ao horário em que chegam para trabalhar. Tudo parece inserido nessas normas de comportamento, como um acordo tácito que lhes permite estar lá, construindo a relação entre a história passada e presente.

A esse respeito, Américo informou, certa vez, que até metade da manhã, permanece em um dos canteiros gramados, utilizando apenas um guarda-sol para se proteger da chuva ou do calor. No entanto, conforme relata, na medida em que as horas vão passando, ele se vê obrigado a se deslocar para debaixo de um das mangueiras plantadas na calçada da *praça* que corre ao longo da Avenida Portugal. Isto porque, diz ele: “fica muito quente ficar na grama mesmo com a sombrinha.”³⁵

Na mesma ocasião, ao perguntar-lhe por que os outros engraxates não ocupavam o outro lado da *praça*, já que a área ocupada por eles era muito movimentada, barulhenta e, àquela época, amontoadas de barracas que vendem os produtos mais diversos, ele respondeu: “isso mesmo moça; se no outro lado da *praça* não tem ninguém, o que a gente vai fazer lá? A gente trabalha e se ajuda onde tem gente, onde tem cliente”³⁶.



Alexandre Azevedo – 2004

Foto 16 – Bancas de venda de rua situadas na área mais movimentada da praça, ao longo da avenida Portugal.

Continuei a conversa, comentando a respeito da sua situação e a dos outros engraxates nessa área da praça, de modo a perceber uma certa especialização espacial, já que cada grupo de trabalhadores ocupa uma área específica de acordo com sua atividade. Américo

³⁵ Depoimento concedido em julho de 2004.

³⁶ Uma vez que essa entrevista foi concedida em julho de 2004, reporto-me ao momento em que a quantidade de barracas era maior do que as que existem hoje.

contou que a área ocupada pelos engraxates é “deles” porque já estão ali há mais tempo que as demais pessoas que trabalham lá. Portanto, disse ele, “os outros foram se ajeitando e colocando suas vendas por aí, mas o nosso lugar sempre foi esse...a gente sempre esteve aqui. Os vendedores de côco ficam para a banda de lá...os bombonzeiros ali, as bancas de revista lá”, e ia apontando as diversas áreas ocupadas pelas pessoas que ele relacionava no seu depoimento (figura 2).

Ocupação da Praça Dom Pedro II pelos engraxates

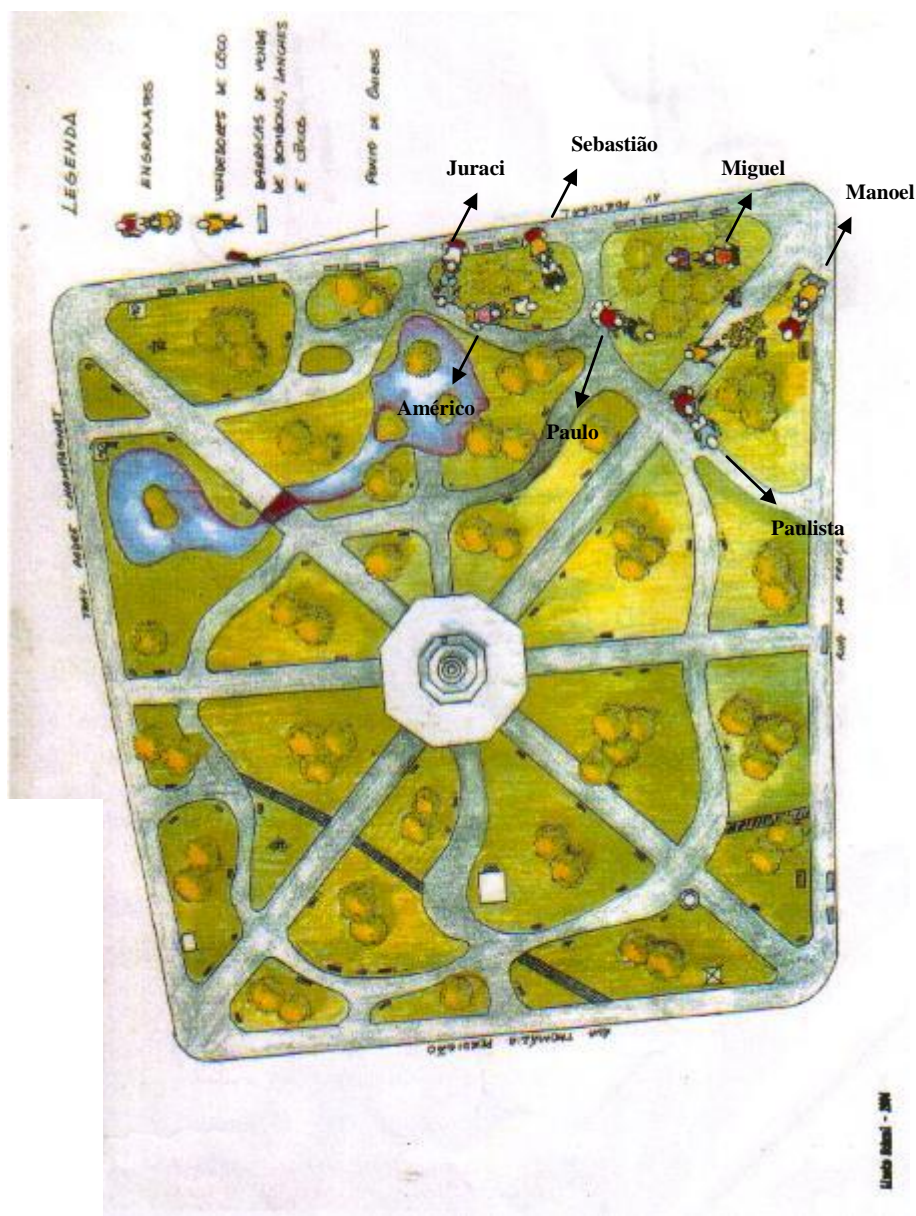


Figura 2

Logo, eu notei que a demarcação dos espaços resultava, mais propriamente, de uma autoridade dos engraxates do que de um consenso geral, pois as áreas ocupadas pelos moradores ou pelos outros trabalhadores da *praça* eram aquelas que, como bem expressou Américo, tinham restado a eles. Inclusive uma autoridade que extrapolava para uma dimensão exterior ao contexto da praça, uma vez que a presença dos engraxates ali resiste até mesmo às investidas do poder público quanto à tentativa de ocupar seus espaços para promover alguma reforma. Falo de algumas situações sobre as quais tomei conhecimento através dos próprios engraxates.

Quando estive na praça, certa vez, em outubro de 2005, deparei-me com uma cerca de compensado instalada no limite entre os canteiros e a calçada da *praça* que dá para a avenida Portugal. Segundo me informou Manoel, a prefeitura havia mandado cercar o lugar para efetuar algumas obras de reforma, e os engraxates, assim como todos os outros, entre trabalhadores e moradores, deveriam desocupar sua área, para as áreas circunvizinhas à *praça*.

Conversando com outros engraxates, além de Manoel e, também, com outros trabalhadores, donos de bancas de venda de rua, estes mostraram-se descontentes com a situação. Paulista foi um que anunciou:

“Imagine que eles querem mandar a gente para a calçada do outro lado da rua. Lá não tem árvores e a gente vai ficar no sol. Os clientes não vão querer isso. Qual o cliente que vai querer ficar sentado quase uma hora debaixo do sol só para engraxar os sapatos? Eu sou um que não posso tomar sol. Tenho problema de pele. Ninguém está contente com isso, não!”

Uma semana depois, fui novamente à *praça* e constatei que a cerca não se encontrava mais lá. Perguntei, então, a Manoel o que havia acontecido e ele respondeu: “eles tiveram que tirar porque nós pedimos. Eu fui lá falar com o encarregado e falei da nossa situação...que a gente não ia poder trabalhar direito. Conversei com ele. Só sei que, uns dias depois, eles tiraram o negócio daí.”

Evidentemente que na apropriação desses espaços, os trabalhadores vão buscando se situar na identificação de atividades e no reconhecimento de uma memória comum entre eles.

Uma vez, então, que compreendemos a *praça* como esse ambiente aparentemente democrático, onde as pessoas circulam livremente, seria possível verificar, as pessoas, no seu cotidiano de trabalho, escolhendo posições diferentes para se acomodar, a cada dia, naquele cenário. Mas, ao contrário, ao se perceber integrado na mesma relação de tempo e espaço, cada indivíduo se coloca em seu “posto”, na condição de pertencer a um determinado grupo de trabalhadores. Nessa dinâmica, o quê está expresso não é um interesse de ordem econômica, mas sim um interesse social e de auto-reconhecimento, considerando que se o grupo dos engraxates, assim como o dos vendedores de côco, doces ou lanches, ou ainda, os donos das bancas de revistas estão sempre ocupando as mesmas posições é porque, parece, eles se sentem pertencer àquele lugar, sentem que o lugar lhes pertence, uma vez que os seus iguais estão lá também.

Entende-se, então, que em suas memórias existe construída uma relação de pertencimento entre esses sujeitos e o lugar, pois eles não poderiam ocupar outras posições que não fossem aquelas que eles ocupam há anos, no decurso de sua história ali – sob pena de se perceber fora de seu contexto espaço-temporal, fora de seu grupo social, portanto, sob pena de não se reconhecerem legítimos no mundo.

Existe implicada uma relação de territorialidade com os espaços da praça, como se estes fossem extensões da vida das pessoas, na medida em que são atribuídas, nessa relação, outros significados além daquele referente ao local de trabalho, pois, no mesmo lugar onde os engraxates trabalham, por exemplo, eles também descansam, comem, brincam, ou namoram. As mais variadas situações de suas vidas são experienciadas em diferentes

momentos, em um lugar só; e os significados que esse lugar adquire – seja de local de trabalho ou de lazer – são atribuídos pelos indivíduos, na imediaticidade de seus interesses.

Certa vez, eu conversava com Paulo, um engraxate, sobre as reformas que estavam sendo empreendidas no contexto do centro histórico (correspondente à área circunvizinha à *praça*), as quais promoviam a ocupação dos canteiros gramados com barracões de compensado (fotos 17 e 18).



Foto 17

Lizete Sobral, 2004



Foto 18

Lizete Sobral, 2004

Fotos 17 e 18 – Ocupação dos espaços da Praça Dom Pedro II pelas obras referentes ao projeto *Monumenta*, realizado sob a ação administrativa do então prefeito Edmilson Rodrigues, em dezembro de 2004.

Perguntei-lhe, na ocasião, se aquelas mudanças interferiam no seu trabalho; ele respondeu que sim e disse ainda:

“Porque eles deviam ajeitar isso aí...eles organizarem, certo? Que isso está bagunçado, certo? Organizar é uma coisa. Bagunçar é outra. Está tudo feio. Tudo sujo, né? Está tudo horrível...eu rodo por aqui...jogo em quatro posições: ponta esquerda, ponta direita e lateral direita³⁷...mas a gente precisa de banca, igual como tem em Brasília. Veio um cara, uma vez, disse que o Lula³⁸ ia botar as bancas...trouxe as fotos e nada. Esse prefeito Edilson ganhou e nada”³⁹.

³⁷ Paulo referia ao fato de trocar a localização de sua “banca”. Ele queria dizer que costumava se deslocar, sempre, em quatro posições na área ocupada pelos engraxates. O Américo, como já foi relatado, ocupa duas posições diferentes, de acordo com as horas do dia. Já os outros engraxates, ocupam sempre os mesmos lugares.

³⁸ Referia-se ao Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva.

³⁹ Entrevista concedida em dezembro de 2004.

Paulo, então, começou a cantarolar uma canção e, depois, avisando que precisaria guardar seu material de trabalho, se retirou. Alguns minutos depois, ele já havia guardado suas ferramentas e jogava um futebol improvisado com alguns vendedores de côco, no mesmo canteiro onde antes, sentado sobre sua banca, consertava e engraxava sapatos enquanto conversava comigo (foto 19).



Lizete Sobral, 2005

Foto 19 – O engraxate Paulo jogando bola

Situações como essas, vividas naquele cenário, expressam sua condição de lugar de múltiplas falas, onde os significados, não só convivem juntos, mas também se sobrepõem; posto que um único espaço apresenta, ao mesmo tempo, funções diferentes para as pessoas, e até mesmo para os próprios engraxates que a utilizam não só como espaço de trabalho mas de lazer também. A forma do lugar é sempre a mesma, mas o sentido não. Este é sugerido pelos homens, no contexto social e no tempo em que estão inseridos.

Na verdade, todas as representações construídas entre os personagens da praça Dom Pedro II têm esse caráter atribuição de sentido às coisas do mundo, seja nas suas relações uns com os outros, no confronto com suas próprias história de vida ou, ainda, com os espaços e os constructos materiais pertinentes ao cenário da praça.

Uma outra vez, foi Américo, também, que fez questão de mostrar a árvore de Pau D'Arco que havia plantado em um dos canteiros da *praça* (foto 20). Ele disse: “essa árvore aqui, fui eu que plantei”. E, quando eu perguntei porque havia plantado a árvore, ele simplesmente respondeu: “porque eu quis, ora...por nada...por plantar”. Mas, depois, ele começou a falar sobre a maneira como havia plantado a árvore no canteiro, disse que ela já tinha sete anos ali, que são espécies que duram muito tempo, ficam bastante altas e que demoram para atingir a idade adulta; continuou dando outras informações, inclusive que, a cada época do ano, as folhas mudam de cor. Foi quando ele completou:

“...as folhas, de amarelo passam para vermelho, verde, preto...agora, por exemplo, elas estão verdes, mas depois vão mudar de cor...e de novo e de novo. Depois, volta tudo de novo. No ano que vem, nessa época, elas vão está assim de novo. É que nem a gente...que nem tudo né? Eu, todo dia estou aqui. Vou para minha casa e volto. Mas a senhora não, né? Eu sei. Mas tem coisas que a gente faz assim, outras não. Tem coisas que a senhora faz sempre, não é?”



Alexandre Azevedo 2005

Foto 20 – Américo mostrando a árvore de Pau D'Arco que plantou em um dos canteiros da praça Dom Pedro II.

Em seu depoimento, Américo traduzia a compreensão daquele universo, onde tudo tem um significado que reforça a construção de identidade de cada sujeito. É como se entrássemos em uma casa e seus moradores começassem a nos mostrar seus objetos mais queridos, contando as histórias de suas próprias vidas a partir deles. Assim fazia Américo. Contava-me de si próprio e de sua vida através de uma árvore que ele considerava sua, uma vez que ele mesmo a havia plantado, evidenciando uma relação de afeto com algo que o referenciava naquele contexto.

No cenário da praça Dom Pedro II, os engraxates, os vendedores ambulantes, os moradores da praça, cada grupo social mantém seu lugar nessa relação simbólica construída entre eles – e que, tanto os diferencia como os identifica como parte de um grupo social.

Ao discorrer sobre a relação de proximidade entre Antropologia e História, Marc Augé⁴⁰, faz-nos refletir sobre o caráter simbólico do espaço enquanto objeto da Antropologia.

Sob essa perspectiva, o autor considera que as relações estabelecidas pelos indivíduos estão expressas, também, no espaço: público ou privado; sagrado ou profano e assim por diante.

Efetivamente, a dinâmica pela qual se promove a apropriação dos espaços é fenômeno relevante daquele contexto social; e, da mesma forma, são as condições que promovem o deslizamento dos significados atribuídos a esses espaços, que ganham sentidos condizentes com as histórias de vida, com as lembranças resgatadas na memória das pessoas que trabalham, moram ou apenas transitam no lugar.

⁴⁰ Cf. AUGÉ, Marc. **Por uma Antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997. Para Augé, o espaço da Antropologia é necessariamente histórico, já que é precisamente um espaço dominante por grupos humanos, ou seja, um espaço simbolizado, que é fato em todas as sociedades humanas, e visa a tornar legível a todos aqueles que freqüentam um mesmo espaço um certo número de esquemas organizadores, de referências ideológicas e intelectuais que ordenam o social.” (1997, p.14), e “essa simbolização do espaço constitui para aqueles que nascem numa sociedade, um a priori a partir do qual se constrói a experiência de todos e forma-se a personalidade de cada um: nesse sentido, ela é ao mesmo tempo uma matriz intelectual, uma constituição social, uma herança e a condição primordial de toda história, individual e coletiva” (1997, p.15).

CAPÍTULO II

2. Vida de Engraxate

“E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente e fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida,
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.”

Morte e Vida Severina (Excerto)
João Cabral de Mello Neto⁴¹.

Manoel é daquelas pessoas que gostam de falar bastante e de enriquecer seus relatos com detalhes. Com ele, eu passava horas ouvindo sua história de vida. Dentre os engraxates, era com quem eu passava mais tempo conversando e, sempre que eu chegava, ele puxava um banco para eu sentar. Sua banca é a mais freqüentada, e a forma como ele organizou seu espaço de trabalho, o tornou agradável e convidativo. Esta fica um pouco afastada das bancas dos outros engraxates. É a única situada na calçada defronte à prefeitura e, assim, ele tem contato mais direto com um público diferenciado, que caminha em direção à prefeitura. Com orgulho, Manoel conta que atende deputados, vereadores, advogados e juízes que trabalham no Fórum de Justiça localizado nas adjacências da praça Dom Pedro II. Os clientes chegam, têm seus sapatos engraxados, e depois vão embora; outros continuam por lá, puxam um dos vários bancos que ficam dispostos ao redor, alguns improvisados com caixas de madeira, e continuam conversando. Aproveitando a posição de sua banca, localizada embaixo de uma frondosa mangueira, dentre as muitas que existem na *praça*, Manoel arma

⁴¹ Cf. MELO NETO, João Cabral. Morte e Vida Severina e Outros poemas em voz alta. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. Excerto retirado do Auto de Natal Pernambucano “Morte e Vida Severina”, cujo texto corresponde ao ato final intitulado *O carpina fala com o retirante que esteve de fora, sem tomar parte em nada*. (pág. 112).

uma espécie de barraca, com um plástico que estica por sobre a banca. Uma das extremidades do plástico, ele amarra na mangueira, a outra, em um pequeno arco de ferro que fincou na calçada especialmente para esse fim, criando um abrigo que protege os clientes da chuva e do sol.

Com isso, Manoel permanece sempre no mesmo lugar, atendendo seus clientes. Situação que não ocorre com os outros engraxates, pois alguns, em determinada hora do dia, têm que mudar de posição por causa do sol forte, como é o caso de Américo; e, quando chove, todos os outros, exceto Manoel, retiram-se da *praça*, ou então, recolhem seu material de trabalho e ficam nas bancas de venda de rua conversando e esperando a chuva passar para irem embora.

Nesse ambiente sempre movimentado de gente, eu me sentava para ouvir suas histórias, e as entrevistas acabavam se transformando em longas conversas. Nos seus depoimentos, ele me falava não só de sua vida pessoal, mas da vida de seus filhos, do seu sentimento pelo neto que ele cria junto com a esposa, das viagens que tinha feito pelo mundo de navio, chegando a completar, certa vez: “...é...porque eu sou um marinheiro engraxate. Já viajei o mundo todo de navio”. A impressão que eu tinha de Manoel é que ele vivia intensamente suas histórias, narrando-as com entusiasmo, a cada vez que ele acessava suas memórias viajando no tempo e no espaço apreendidos em sua história de vida.

Manoel me fazia pensar a imagem do narrador descrita por Walter Benjamin (1993)⁴², e parecia que, mediante suas histórias, ele tinha sido forjado para ser realmente esse contador de histórias. Benjamin destaca dois grupos, cujos estilos de vida produziram mestres na arte de narrar: o dos marinheiros e o do camponês sedentário. Os marinheiros porque viajam pelo mundo e têm muitas histórias para contar; o camponês porque conhece histórias e tradições. E, para além dessas famílias de narradores, ele considera que “se os camponeses e

⁴² Cf. Benjamin, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram”, pois “no sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário.”(1993, p. 199).

Parecia que eu estava diante deste personagem narrador aperfeiçoado, pois Manoel, tanto havia sido marinheiro no passado, como é hoje um artífice, associando, mediante seu estilo de vida ligado às práticas de trabalho, as condições que Benjamin considera essenciais a um exímio narrador. Assim, pelas narrativas enriquecidas de comentários, e por mostrar-se sempre disponível, eu considerei apropriado eleger sua história de vida para a efetivação de um estudo comparativo; como forma de estabelecer a interlocução com as histórias de vida dos outros engraxates, e, assim, restituir uma memória constituída entre eles, na medida em que eu identificava, nos depoimentos dos outros engraxates, trajetórias que me traduziam condições de existência compartilhadas entre eles e asseguravam a construção de uma imagem atrelada ao *ser engraxate*. Logo não era só uma condição atrelada à demarcação de um espaço que determinava o reconhecimento de uma identidade de engraxate, mas outros aspectos que emergiam nessas histórias de vida e construía uma memória em comum entre esses trabalhadores.

2.1 Como se constrói um engraxate

Falando apressadamente, sem precisar ser interrompido com muitas perguntas, Manoel tecia um longo relato sobre sua história, seus valores, sua família. Com a cabeça baixa, concentrado em seu ofício, ele não hesitava em contar sua história de vida:

“Eu nasci em Macapá. Meu pai e minha mãe tiveram muitos filhos e a gente era pobre...às vezes, não tinha o que comer. Com quatro anos, eu já trabalhava no seringal. Minha mãe fazia a borracha. A gente levava para casa, aí ela pegava, botava na panela, cozinhava aquilo até virar uma goma, deixava engrossar e esfriar, e daí fazia a borracha. Aliás, eu sei fazer de tudo na minha vida. Aprendi a fazer telha, pote de barro...até farinha. Então, um dia, um homem foi lá em casa e disse para o meu pai: ‘o senhor tem muitos filhos...me dá um.’ Meu pai me olhou e disse: ‘leva esse daí’. Me deu como se eu fosse uma coisa. Eu nunca mais vi eles. Ele me trouxe para Belém e eu sofri muito. Não me botou para estudar e eu nunca consegui aprender a ler e escrever. Mas eu sempre cozinhei muito bem. Então, um dia eu fiz um teste para ser cozinheiro do sanatório, que eu já tinha viajado o mundo todo de navio também como cozinheiro. Eu conheço tudo isso por aí: Cuba, Portugal, França...o mundo todo quase. Só não conheço o Japão porque nunca peguei navio para lá. Só que eu não passei no teste porque eu não sabia ler nem escrever (nesse momento, Manoel começou a chorar, e repetia que nunca tinha conseguido aprender a ler. Eu, então, perguntei se queria que eu parasse a entrevista e ele respondeu que estava tudo bem. Enxugou as lágrimas e continuou seu depoimento)...Depois, como eu tinha que trabalhar, um amigo me disse: ‘Manoel, tu sabes engraxar sapato?’ Eu disse: ‘eu sei’. Eu não sabia, mas disse que sabia e vim para cá. Comecei ajudando uns engraxates que trabalhavam aqui naquela época...o Cabeludo era um...mas eles já morreram...eu estou aqui até hoje. Lembro que quando comecei, teve um dia que o Cabeludo não gostou do meu serviço, que eu ajudava ele aqui quando comecei. Aí, ele veio me reclamar. Eu fiquei com raiva e joguei o sapato para o lado, e não fiz mais nada naquele dia. Ele nem ligou para mim...não falou nada também. Só que quando chegou no fim do dia, eu não tinha dinheiro para voltar para casa, que eu morava lá na Barão de Mamoré, no Guamá.⁴³ Tive que ir a pé para casa nesse dia. Cheguei lá, deitei na minha cama e pensei. Pensei que eu não tinha comido o dia inteiro por causa da minha malcriação. No outro dia voltei lá e pedi desculpa para eles. Eles disseram que sim e deixaram eu ficar trabalhando com eles de novo. Porque eu tinha que respeitar eles. Eles eram meus professores. A gente tem que respeitar o professor, né? Porque, olha... O “A”⁴⁴, fui eu que trouxe ele para cá, mas um dia ele se bandeou para outro engraxate que tinha aí. Eu que ensinei tudo para ele. Ele me ajudava aqui. Aí, eu vi ele conversando com o cara e chegou um dia, ele já estava trabalhando para outro...mas esse cara nem existe mais. Agora, com o “A”, eu não falo desde essa época...porque, né?...Isso já faz uns 30 anos. Meus filhos também já trabalharam aqui comigo. Eu trouxe, mas depois que eles arrumaram outro emprego, não quis que eles ficassem. Porque isso aqui já foi bom; hoje não é mais. Eu sempre sustentei minha família daqui. Hoje, ainda sustento, mas não é mais a mesma coisa. Quando os navios ancoravam aí (falou, apontando para a Baía do Guajará), era muito bom. Tinha turista, o movimento era bom...agora...”.

⁴³ Bairro da cidade de Belém, situado há 9 km do bairro da Cidade Velha, onde fica localizada a praça Dom Pedro II.

⁴⁴ Algumas vezes, os engraxates, ao se reportar aos outros do grupo, hesitavam em seus depoimentos, motivo pelo qual eu optei, nesses casos, em omitir os nomes daqueles aos quais se referiam.



Alexandre Azevedo 2005

Foto 21 – O engraxate Manoel durante o trabalho

Maximiano Lima de Oliveira, ou Juraci, como era chamado por todos na *praça*, foi outro engraxate com quem travei “conversa” e que me forneceu um depoimento contínuo, reconstituindo sua história de vida. Ressalto que esta foi a única vez na qual consegui, efetivamente, um depoimento de Juraci, pois das outras vezes em que fui até a *praça*, ele sempre me apontava seus clientes, informando que estava ocupado, e que não tinha muito o que contar. Assim, ele foi o engraxate com quem eu tive menos contato durante o período em que o trabalho de campo se desenvolveu, o que de certa forma, interferiu até no fato relacionado à dificuldade que eu tive para registrar uma fotografia sua, pois isso só foi possível ao no contexto de uma foto que mostra, em um plano mais geral, Américo e Juraci ocupando um trecho do cenário da *praça* (foto 22).



Alexandre Azevedo 2005

Foto 22 – Américo em primeiro plano e Juraci, em pé, no segundo plano da foto.

Juraci começou contando que aprendeu o ofício de engraxate com os irmãos, aos oito anos de idade, e que, desde então, sempre trabalhara no “ramo de sapatos”; que chegou a trabalhar em uma fábrica de “obras novas⁴⁵”... “não remonte⁴⁶... são obras novas. No início, eles me ensinaram em casa. Eu via eles fazendo, ajudava e, assim, fui aprendendo. Depois, eles me levaram pra trabalhar lá na fábrica e eu ajudava eles lá também.”

Esse aspecto do seu depoimento merece uma reflexão no que diz respeito a uma condição de inserção precoce na prática do trabalho, uma vez que no âmbito das famílias de Manoel e Juraci, parecia natural que as crianças trabalhassem, ressaltando, mais uma vez, que Manoel, desde os quatro anos, já trabalhava no seringal com a família e Juraci foi levado pelos irmãos a trabalhar em uma fábrica de sapatos aos oito anos de idade, evidenciando assim uma infância de dificuldades nas histórias de vida destas pessoas.

⁴⁵ Obras novas é a expressão usada pelos engraxates para se referir aos sapatos novos.

⁴⁶ Remonte, para os engraxates, são os sapatos consertados por eles.

Ele continuou, contando que durante muito tempo ainda trabalhou na fábrica:

“Passei para mais de 15 anos trabalhando na fábrica e nunca consegui nada. Estou aqui há 40 anos. Desde 10 anos eu já trabalhava lá. A gente veio de Abaeté com a família e todos os meus irmãos eram sapateiros. Não só engraxates...sapateiros também. Porque sapateiro também faz sapato e engraxate só engraxa e conserta. E eu sei fazer também, mas aqui na praça eu mais engraxo e conserto. A gente entregava na Carrapatoso⁴⁷...era uma fábrica clandestina na rua dos Tamoios, próximo à Estrada Nova. Ainda hoje, o filho do dono trabalha lá...na época que eu vim para cá era muito bom. A gente ganhava muito dinheiro...não tinha shopping...Cidade Nova⁴⁸...depois o conjunto da COHAB, Cidade Nova...caiu muito o movimento. Eles não têm porque vir aqui. Por esse motivo, o movimento caiu. Quando eu vim, em 67, dava...eu me casei em 67...criei meus filhos. Todos estudaram...aqueles que tiveram força para estudar...seis filhos. Dois nasceram mortos...cinco homens e uma mulher...dez netos...todos fizeram o segundo grau. Vivo até hoje com a mesma mulher...ela era linda...15 anos, eu 19 anos. Garoto bonito, olhos gateados. Eu andava só por cima...sapato branco. Agora, o garoto está usado, mais para lá do que para cá. Quanto você planta o roçado⁴⁹, a primeira vem bonita, depois, a segunda mais ou menos, a terceira, então...Não me sinto arrependido com a profissão. A gente arruma 30, 40...então, dá para dar uma assistência. Eu criei todos meus filhos assim. Nenhum trabalha como engraxate, pois eu não quis que eles viessem para cá. Eu já estou aqui mesmo...comecei assim. Alguns sabem fazer⁵⁰...eles estão bem. Um trabalha na NAKATA. Um trabalha na Igreja Evangélica, o outro com aquele negócio de refrigeração. Todos gostam de trabalhar. Não puxou nenhum pra não querer nada com o trabalho, apesar de morar no Jurunas. O maior legado é meu exemplo de trabalho. Tenho terreno próprio, casa própria. A minha mulher ganhou um carro no sorteio do “Poupa ganha” e investiu tudo na casa. A casa ficou bonita, lajotada, com uma frente bonita.”⁵¹

Paulista (foto 23) foi outro engraxate que contou sobre o motivo que o levou a desenvolver a atividade de engraxate, comentando sobre o fato de trabalhar quando criança:

“Vim para Belém ali pelo início de 70...uma coisa assim. Eu conheci uma mulher em Brasília que era daqui. Eu vim com ela na iminência de procurar emprego. Pensei que fosse assim, igual lá em São Paulo...Osasco. Era lá que eu trabalhava. Bom, mas eu vi que aqui não tinha nada para fazer. Daí, quando eu era moleque, trabalhei em fábrica de calçado. Tenho até carteira de menor trabalhador...está comigo até hoje. Eu era bem pequenininho, bem menino. Mas criança, já trabalhava... só que escondido. Eu trabalhei registrado só depois dos 14 anos. Eu trabalhava com água até quase por aqui (comentou, colocando a mão no quadril). Ia para a escola, voltava da escola,

⁴⁷ Sapataria de tradição, freqüentada pela elite, na época à qual ele se refere em seu depoimento.

⁴⁸ Bairro situado no município de Ananindeua, a 15 km de Belém.

⁴⁹ Os engraxates estão inseridos dentro de um contexto aparentemente urbano, mas suas referências, muitas vezes, remetem ao campo ou ao seu local de origem, que considero importante destacar aqui. Paulista disse ter vindo do “interior de São Paulo”. Todos os outros vieram de localidades do interior do Pará: Paulo e Miguel, irmãos, vieram de Salinas, cidade costeira; Sebastião veio de Curuçá; Manoel, de Macapá; Juraci disse ter vindo de Abaeté e Américo, de Cametá.

⁵⁰ Entendi que Juraci referia-se à atividade de consertar, engraxar e confeccionar sapatos, que seus filhos dominam.

⁵¹ Depoimento concedido em agosto de 2004.

ia para a fabriquinha de calçado. Eu estudei até a segunda série. Na segunda série já sabia ler e escrever. Hoje tem moleque de 14 anos que não sabe ler. Por isso eu fico indignado com essa educação de hoje. A professora podia bater, chamar atenção, ralhar. Hoje, não pode nada. E ninguém era bandido. Eu, menino ainda, trabalhava e estudava. Agora, a educação é outra e eles viram bandido. E trabalho até hoje. Estou aqui trabalhando. Não morri por isso. De Osasco, vim para Brasília, de Brasília vim para cá. Eu conheci ela [a ex-mulher] em Brasília, mas eu não vivo mais com ela. Aí, eu conheci esse aí (falou, apontando para Miguel, sentado em sua banca, em um dos canteiros gramados da praça). Eu vim para ajudar ele, mas depois montei meu próprio negócio, porque o movimento era bem melhor. Hoje, diminuiu muito...muito. Mas hoje, eu vivo só para o meu trabalho mesmo. Não tenho ninguém...nem filho...mulher...moro só, graças a Deus. Nem com minha família, desde essa época, eu nunca mais tive contato.”



Alexandre Azevedo 2005

Foto 23 – O engraxate paulista em sua banca de trabalho

Outro aspecto a destacar, diz respeito ao modo como se processa o aprendizado do ofício de engraxate, notado nos depoimentos de Manoel, Juraci e Paulista. Existe uma condição ligada a uma espécie de ritual de aprendizagem, a partir do qual se estabelecem mútuas obrigações, geralmente desenvolvidas entre o aprendiz de engraxate e esse alguém que o leva até a *praça*. Logo, uma relação de autoridade e poder se expressa na prática efetiva da transmissão de um saber, pois estar na condição de aprendiz implica, para o iniciante, a obrigação de se manter fiel àquele responsável por sua inserção no grupo, até que venha a adquirir autonomia para exercer sua prática independentemente, desatrelado de qualquer relação de obrigação com o outro que lhe deu amparo. A partir daí, então, se dá a aceitação e o reconhecimento de uma imagem por parte do grupo, diretamente ligada às práticas sociais correspondentes à formação do ofício de engraxate e à demarcação de um espaço físico que o engraxate passa a ocupar com sua própria banca. Retomo a título de ilustração,

a história de Walber que, atualmente, vem exercendo o ofício na condição de ajudante do pai, e, no entanto, sem o seu reconhecimento do pai, nem do resto do grupo dos engraxates da praça.

O depoimento de Paulo, que resume, em poucas palavras sua história de vida e a do irmão Miguel (foto 24), também engraxate na praça, evidencia essa mesma condição quanto ao aprendizado do ofício de engraxate:

“Nós viemos para Belém porque a gente morava em Salinas⁵² e não tinha pai. Então, a minha mãe veio comigo e meus irmãos... e desde cedo a gente começou a trabalhar para ajudar em casa. Eu comecei rodando por aqui como jornaleiro (falou, abrangendo a área da praça com os braços). Vendia jornal. Meus irmãos trabalhavam aqui e o Miguel também. Eu era o caçula e vendia jornal. Aí, um dia eu comecei a ajudar eles aqui. Entrega jornal e depois vinha para cá. Até que um dia, montei minha banca e estou aqui até hoje. Depois, meus outros irmãos, que eram três saíram. Só ficou eu e o Miguel. Eu não tenho família, nem mulher, sou separado. Não bebo, não fumo, agora eu namoro, né?... Que disso eu gosto. Já o Miguel, é casado, tem mulher e um bando de filhos. Ele não vem aqui todo dia porque ele trabalha no Exército também”.



Alexandre Azevedo 2005

Foto 24 – Miguel, irmão de Paulo, atendendo um cliente.

Delineando alguns aspectos das vivências desses engraxates, verificam-se seus modos específicos de vida, de ver e de colocar-se no mundo, através da construção de

⁵² Cidade costeira do Pará, localizada a 220 km de Belém.

significados que estão atrelados a uma espécie de moral relacionada com as representações sociais, tais como família e trabalho. Logo, o valor moral do trabalho está sempre associado, no âmbito de suas histórias de vida, ao valor moral da família, permitindo entrever uma lógica muito peculiar, onde a formulação de uma concepção moral parece transcender os próprios indivíduos e seus grupos familiares, mesmo tendo-se constituído em condições particulares, estendendo-se aos interesses das esferas sociais mais universais.

Existe como que um código de comportamento entre eles, uma delimitação de regras não expressas verbal ou oficialmente, relacionadas a uma ética muito própria àquele grupo social e sem a qual, ele não existiria como tal, posto que é como se reconhecem como agentes nesse universo social.

Esse vocabulário convencional emerge expresso nos relatos sobre suas relações familiares, estendendo-se para além das fronteiras da dimensão individual.

Dois deles, por exemplo, falaram-me de suas relações extraconjugais com outras mulheres, e de como tal situação era aceita por suas esposas. Em uma das situações que cheguei a praça, o engraxate que, por ora, eu chamo de “B”⁵³, conversava com uma moça bem mais jovem que ele. Eu pensei que fosse alguma cliente e me aproximei. Notei, porém, que a jovem ficou constrangida e se afastou. Foi quando ele disse, olhando em sua direção:

“Você está vendo aquela moça? Eu tenho um negócio com ela. A gente tem uma filha...já é quase uma mocinha, mas eu não me nego de dar as coisas. Tudo que eu posso eu dou. Ela veio aqui pegar dinheiro para comprar as coisas pra ela. Sou um cara legal. Ela é minha filha, né? Eu tenho que dar. Ela também é bacana. A gente se dá bem só que eu não mostro para ela tudo que eu tenho. Espere aí (e tirou de uma bolsa que estava debaixo de sua banca, diversos cartões para me mostrar). Está vendo isso aqui? É tudo cartão. Eu tenho dinheiro, eu trabalho. Tenho casa própria dou tudo para minha família. Você está me vendo bagunçado assim porque estou trabalhando, mas quando eu saio, só uso roupa de marca, sapato caro...Trabalho para isso, né?”

⁵³ Com relação a este fato, resolvi omitir o nome do engraxate como forma de preservar sua privacidade, uma vez que ele demonstrou preocupação em relatar o fato perguntando-me se isso não iria prejudicá-lo. A mesma situação aconteceu com outro engraxate que, por hora, denominarei “C”.

Perguntei a “B” se eles ainda se encontravam ou se apenas se falavam para tratar de assuntos sobre a filha. Ele riu e disse: “não...a gente ...o homem é um pecador, né?”, e riu.

A situação de “C” é um pouco diferente da de “B”, pois “C” não tem uma relação extraconjugal com uma única mulher. Ele contou apenas que quando sai “por aí” e volta para casa sujo de batom, a mulher somente lhe diz: “vá se lavar, meu filho, que você está todo sujo”. Disse ainda, referindo-se a sua esposa que ela é uma mulher maravilhosa visto que eles nunca brigam. “B” contou-me que, inclusive, exerce duas atividades de trabalho para poder dar “todas as condições para a família”.

Os dois homens expressaram a mesma opinião, ao considerar natural que as pessoas aceitassem o fato. A justificativa dos dois sobre a naturalidade da situação era também a mesma: eles podiam prover a família das necessidades materiais básicas. Com isso, se vê que há uma moralidade em se que pode identificar a existência de um homem casado que namora outras mulheres, mas que é provedor de sua família; assim essa situação se sustenta enquanto eles podem prover o sustento, tanto dos filhos de sua família nuclear, quanto dos filhos que podem advir de outra relação. Logo, o interdito não é estar com outra mulher, é estar com outra mulher e não prover a subsistência da família, havendo, portanto, entre os engraxates, uma moral do trabalho que se expande à esfera da família. Nesse sentido Sarti⁵⁴ discorre:

“[O] valor moral do trabalho, com o benefício que dele decorre, não se inscreve, então, apenas dentro da lógica do cálculo econômico do mercado. Através do trabalho, os pobres constroem uma idéia de autonomia moral, atualizando valores masculinos como a disposição e a força (não só física, mas moral), que fazem do homem homem...Na moral do homem, ser homem forte para trabalhar é condição necessária, mas não suficiente para a afirmação de sua virilidade. Um homem, para ser homem, precisa também de uma família. A categoria pai de família complementa a auto imagem masculina. A moral do homem, que tem força e disposição para trabalhar, articula-se à moral do provedor, que traz dinheiro para dentro de casa, imbricando-se para definir a autoridade masculina e entrelaçando o sentido do trabalho à família.” (2003, p.95)

⁵⁴ Cf. SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2003.

Para Sarti, “o trabalho é o instrumento que viabiliza a vida familiar”...Existe, portanto uma “ética do provedor” relacionada à “ética do trabalho”, uma vez que “o trabalho viabiliza relações fundamentais para a existência dos pobres, como as da família, provendo-as de sentido”...

O depoimento de Américo permitia entrever a mesma situação quanto a essa condição moral ligada ao trabalho e a família. Quando lhe perguntei se na praça Dom Pedro II trabalhavam, também, adolescentes; aqueles que carregam pequenas caixas de madeira e que são vistos oferecendo serviços de engraxate pelas ruas, ele respondeu: “Não. A maioria deles é vagabundo. Esse negócio de cheira-cola. Aqui eles nem chegam. Ninguém quer saber deles aqui. Porque aqui, a gente trabalha mesmo. A gente tem família... trabalha. Daqui eu criei meus filhos.”

Em suas histórias de vida fica evidente a construção de uma memória associada à imagem que eles se atribuem enquanto pessoas trabalhadoras, e a referência de uma existência permeada pelos valores morais que eles fazem questão de ressaltar. É como se forjassem uma imagem de distinção, da feita que se afirmam como alguém que tem uma fonte de renda para prover o sustento material de suas próprias vidas e de suas famílias, diferentemente daqueles que não trabalham, que são “vagabundos”, como afirmou Américo.

Desta forma, para se fazer reconhecer segundo essa imagem apropriada a eles, os engraxates constroem em seus depoimentos as representações que parecem pretender dizer: “me reconheça assim”, ou então, “não me reconheça desta forma”, marcando sua posição na relação com a memória constituída em comum.

2.2 O trabalho do engraxate

Na medida em que as atividades de trabalho correspondem às condições de inserção dos engraxates no espaço da praça, tal condição chama a atenção para os significados constituídos pela prática de um fazer, como parte do ritual de se integrar àquele cotidiano, através de um comportamento inserido nas implicações de seu contexto sócio-espacial.

Assim, para além das condições de existência que levam os engraxates a percorrer as trajetórias que os levam a procurar esse ofício como meio de vida, e da demarcação de um espaço correspondente a sua legitimação como engraxates naquele local, o domínio de uma dinâmica de trabalho, marcado por uma constância essencial ao seu estabelecimento, corresponde à prática que estabelece os elos de ligação entre eles, seus clientes, e os outros de seu grupo. Elos construídos no âmbito de uma rotina diária de trabalho, através da repetição de um fazer, o qual para um observador desatento pode parecer banal e vazio, mas que, na verdade, para todas as pessoas, agentes desse cotidiano constitui o sentido primordial as suas vidas, ajudando a construir suas histórias naquele universo. Essa rotina, portanto, não representa um esvaziamento em suas vidas; ao contrário, o ritmo de seu trabalho cotidiano é a sua via de acesso a uma ação, pois, se a existência de um espaço pessoal lhes confere o reconhecimento da identidade de engraxate, é a realização de um ofício que lhes permite viver essa identidade e determinar, não só, “quem é engraxate”, mas “o que esse engraxate faz, e como faz”. Isso significa dizer que o trabalho do engraxate é a prática que dá sentido às suas condutas, as quais podem corresponder, tanto ao horário em que chegam à *praça* para trabalhar, ao modo como organizam seu espaço pessoal de trabalho, à maneira como tratam os clientes ou, ainda, à própria maneira como engraxam os sapatos.

Assim, o fazer correspondente ao trabalho do engraxate, equivale a sua própria existência e, de certo modo, corresponde à maneira como eles se compreendem incorporando

uma identidade que ali se destaca pelo ofício que desempenham. O depoimento de Paulo, quando lhe perguntei como se engraxam sapatos, esclarece essa compreensão: “ah, não sei falar. É segredo. Eu engraxo...só isso...sou assim”

Entendi que eu tinha perguntado a Paulo, na verdade, quem ele era, pois essa estreita relação com o trabalho, evidenciada em seu depoimento quando diz “sou assim”, pode ser traduzida por “sou o que faço”. Desse modo, há que se considerar o conhecimento do trabalho do engraxate, para a compreensão dos significados impressos nas práticas sociais circunscritas a sua vivência na *praça*.

2.3 Um dia de trabalho

Américo chega à praça Dom Pedro II no início da manhã, entre seis e sete horas. Já vem trazendo sua caixa de madeira, que ele guarda em um depósito localizado na rua 28 de setembro, próximo à praça.

Ele me diz que o espaço lhe é cedido de graça e que é o único engraxate que guarda a banca lá, pois os outros engraxates, informa ele: “guardam as bancas em outro depósito, no lado da Assembléia Legislativa, e pra isso, eles pagam um real e cinquenta centavos por dia”. Após colocar a banca sobre o mesmo canteiro que ele ocupa todos os dias, Américo dirige-se novamente para outro depósito e pega o saco plástico contendo seu material de trabalho. Ele volta para a praça, coloca o saco no chão, de onde retira escovas de sapatos, latas de graxa, pedaços pequenos de tecidos sujos de graxa e alguns vidros de desodorante no interior dos quais coloca querosene e álcool. Da gaveta situada embaixo de

sua banca ele retira espátulas de metal, calçadeiras, martelos de diversos tamanhos, pequenas latas com pregos, e o pé de ferro⁵⁵ (foto 25).



Alexandre Azevedo 2005

Foto 25 – Pé de ferro, instrumento de trabalho dos engraxates

Américo vai dispondo todo esse material de forma ordenada, sobre a banca. Quando acaba, dirige-se até uma das bancas de venda de rua e compra um copo de café; depois, volta até sua banca, senta-se no pequeno banco colocado à frente da banca e acende um cigarro. Dá uma tragada, duas, três, até que aparece um cliente. O homem diz que quer engraxar os sapatos Américo indica a cadeira de plástico, onde ele senta para depois abrir um jornal que fica lendo durante todo o tempo em que Américo o atende. O engraxate, então, tira os sapatos do cliente, primeiro um pé, depois o outro. Bate os sapatos na banca para fazer cair o excesso de areia do solado e depois, passa um pano por cima, “para tirar a poeira”, diz ele. Américo abre uma pequena lata redonda e, com uma escova de dente, retira de dentro da lata, um pouco da graxa que começa a passar no couro dos sapatos. Depois de dez minutos, Américo começa a esfregar os sapatos com uma escova grande e leva mais dez minutos nesse exercício, até que calça os sapatos nos pés do cliente para começar a esfregá-los novamente, desta vez com um pedaço de pano. Ele começa a esfregar os sapatos em um ritmo lento, que,

⁵⁵ Objeto em ferro que os engraxates usam como suporte para pregar ou retirar os solados dos sapatos.

aos poucos, vai acelerando; e o barulho oco, decorrente do movimento das mãos que batem e esfregam o tecido nos sapatos, constrói um ritmo cadenciado, que vai embalando o fazer de Américo e parece hipnotizá-lo, pois ele não tira os olhos do que está fazendo e não diz uma única palavra. Neste momento, um homem se aproxima e pergunta se ele vai demorar, ao que Américo responde: “só mais uns dez minutinhos”. Finalmente, o engraxate acaba seu serviço, pelo qual o cliente lhe paga dois reais. Com o próximo cliente o procedimento de trabalho é o mesmo, mas, desta vez, os dois homens travam uma conversa que se estende até o fim dos quarenta minutos que Américo leva para atendê-lo (foto 26). Eles comentam sobre o tempo, dizem que tem chovido muito, fazem comentários sobre as pessoas que passam e riem.



Alexandre Azevedo 2005

Foto 26 – O engraxate Américo

Alguns minutos depois que ele termina de atender este cliente, surge uma mulher que traz um par de sandálias para Américo trocar o solado, e o diálogo entre eles se passa da seguinte forma:

Américo: Aqui tem que colocar uma borracha (falava mostrando o solado da sandália para a cliente). Tem que comprar outra borracha para colocar aqui. Juraci, me passa uma “tabira” aí! (nesse momento, Américo gritou, dirigindo-se a Juraci, que se encontrava em sua banca situada a uma pequena distância de Américo). É essa aqui (ele falou, mostrando o material que Juraci havia trazido). Para ficar bonitinho, a senhora tem que colocar isso aqui (ele dizia, enquanto mostrava o material que iria colar no solado da sandália).

Cliente: Por quanto vai ficar o serviço?

Américo: Eu vou comprar a tabira e o solado...eu dou a mão de obra e tudo por dez reais.

Cliente: Está certo.

Américo: Só me troque o solado. Compre o número três. Porque, quanto maior, é melhor para mim...cortando, não tem problema.

Cliente: E quanto eu pego?

Américo: Hoje é sexta? Me pague na quarta-feira, está bom?

Cliente: Então, obrigada. Até logo.

Neste momento, Américo guardou as sandálias da cliente dentro de um saco plástico que ele retirou de sua gaveta. Dirigiu-se, depois, até a banca de Juraci e ficou conversando com ele por algum tempo. Mais tarde, comprou um côco, depois passeou sobre os canteiros, mas não se distanciava mais do que dez metros de sua banca. Dirigiu-se depois, até a banca de Sebastião, ficando por lá mais alguns minutos. A manhã passou entre mais dois clientes que Américo atendeu, engraxando seus sapatos. Em torno de onze horas da manhã, ele começou a arrumar sua banca, enquanto informava: “quando o sol está alto, eu tiro minha banca daqui e vou para baixo daquela mangueira”. Ele disse, ainda, que faz esse deslocamento, de um lugar para outro, todos os dias, pois, mesmo com a sombrinha que cobre sua banca, o calor o incomoda.

Depois que muda sua banca de lugar, Américo vai até uma banca de venda de lanches e come um sanduíche com queijo acompanhado de outro copo de café. Quando termina a refeição que, segundo informa, é o seu almoço do dia, ele acende outro cigarro.

Até duas horas da tarde, vejo o movimento de clientes diminuir entre os engraxates, e Américo só vai atender outro cliente nesse horário. Mais uma vez, é um cliente que quer engraxar os sapatos e Américo repete o mesmo exercício que praticou pela manhã. Ele engraxa os sapatos de mais três clientes durante o resto da tarde, até que comenta olhando para o céu:

“O sol já está esfriando. Acho que vai chover. Aí, não dá mais para ficar. E também, a tarde já vai acabar mesmo. Vou ter que guardar minhas coisas porque agora eu arrumo mais cedo...que eu não posso mais deixar a banca aqui na *praça*. Então, eu levo tudo de novo para o depósito, igual como eu fiz de manhã, só que ao contrário.” (fotos 27, 28, 29 e 30)



Lizete Sobral 2005

Fotos 27 – Américo ao fim de um dia de trabalho



Lizete Sobral 2005

Foto 28 – Américo encaminhando-se para o depósito a fim de guardar seu material



Lizete Sobral 2005

Fotos 29 – Américo chegando ao depósito



Lizete Sobral 2005

Foto 30 – Depósito onde Américo guarda seu material

Lembrei, nesse momento, que quando comecei os trabalhos de campo, eu, normalmente, via a banca de Américo na *praça* durante a noite. Perguntei-lhe, então, por que ele passou a guardar sua banca, ao que ele respondeu:

“É que a prefeitura mandou a gente não deixar mais as bancas aqui de noite. Aí, teve um dia que eu deixei a banca...que eu sempre deixava. Acho que ainda foi esse mês ou mês passado. Eu e o Sabá (falou, referindo-se a Sebastião) deixamos, e eles levaram nossas bancas e não devolveram mais. A gente teve que mandar fazer bancas novas para trabalhar. Eu fui me virando com um compensado que eu coloquei em cima de um caixote de madeira e, em cima, eu colocava uma cadeira. Até minha banca ficar pronta.”⁵⁶

Notadamente, o trabalho dos engraxates está atrelado à existência de fatores externos que condicionam e regulam suas práticas, mas nem por isso os impedem de se apropriar de mecanismos a fim de se adequar às situações inusitadas, e, ainda, àquelas que fazem parte de seu cotidiano e, de certa forma, interferem no seu ritmo de trabalho. A esse respeito, Américo informou: “tem dias que não aparece um cliente. Mas aí, eu conserto, ajudo o Juraci ou fico por aí.”

As alianças, assim como os confrontos são aspectos evidenciados nessas práticas, pois o modo como os engraxates organizam seu cotidiano e sua rotina de trabalho traduz suas escolhas e, neste sentido, permite entrever, seja pela distância que eles guardam uns dos outros, pela forma como circulam ou não, entre eles, e pelas histórias que compartilham entre si e com seus clientes o envolvimento de afinidades que dão sentido a sua existência ali.

2.4 Os engraxates e seus clientes

Naquele dia, cheguei à *praça* e Américo engraxava os sapatos de um cliente. Aproximei-me dos dois homens. Américo, um homem idoso, magro, ajoelhado aos pés de uma cadeira de plástico, de cor vinho, passava com uma escova de dente uma graxa preta

⁵⁶ Depoimento concedido em janeiro de 2006.

sobre os sapatos do seu cliente, um homem também de idade (em torno de sessenta anos), vestido em uma camisa regata, cor de limão, e que trazia na cabeça um chapéu de vaqueiro preto. Este último me olhava enquanto eu me aproximava. Tinha os olhos azuis e apertados.

Cheguei perto e os cumprimentei com um “boa tarde” (eram quase duas horas da tarde de um sábado). O homem sentado na cadeira respondeu: “boa tarde. Osmarino Chaves de Azevedo Barbosa, seu criado”, e fez uma reverência com a cabeça. Perguntei-lhes se poderia conversar com eles, até porque sempre que os engraxates estavam com algum cliente eu procurava saber se esses clientes não se importavam que eu fizesse perguntas. Disse que eu gostaria de tirar algumas dúvidas, e eles responderam que sim.

Este foi o dia em que Américo mais falou sobre sua vida pessoal. Disse-me seu nome completo e sua idade: Raimundo Américo da Silva (mas que preferia que o chamassem de Américo), de 63 anos. Osmarino também participava da conversa e contou ser cliente de Américo há mais de quinze anos, fazendo questão de destacar que só com ele engraxava seus sapatos.

Percebi naquela situação de cordialidade, uma certa relação de trocas de mútuas obrigações, uma vez que Américo retribuía com o que ele chamava de “tratamento *vip*”, a fidelidade de seu cliente aos seus serviços de engraxate. Constatei, naquele momento, a situação de Américo, embaixo de uma frondosa mangueira. O assento da cadeira de plástico, ele cobriu com uma almofada para os clientes sentarem. Enquanto eu conversava com eles, podia perceber a relação de afinidade, que construía ao longo do tempo em que eles já se conheciam, evocava, nas histórias contadas a mim, as ideologias compartilhadas nessa trajetória.

Assim, os engraxates compartilham lembranças, não só dentro de seu grupo de trabalho, mas na prática de uma atividade que estabelece sua relação com os clientes e

constrói os elos de amizade que os ligam; como bem expressa o trecho do diálogo que travei com Manoel e seu cliente Marco Antônio:

Lizete: O senhor é cliente do seu Manoel há quanto tempo?

Marco Antônio: Há muito tempo. Todas as vezes que eu chego em Belém...porque agora, eu trabalho só viajando. Mas, quando eu estou aqui, não deixo de passar com ele aqui. Eu trabalho no sul do Pará e tenho uns negócios envolvidos com a *Assembléia*, com uns deputados aí.

Lizete: Mas o senhor não vem aqui só pra engraxar os sapatos, não é? Porque vejo que o senhor engraxou seus sapatos e ainda continua por aqui, conversando com ele (falei, apontando para o Manoel) e com os outros clientes.

Manoel: Tem amizade...

Lizete: vocês tem, então, uma relação mais próxima...

Cliente: É, de afetividade com ele há muito tempo. A gente tem uma afinança.

Manoel: É. Afetividade.

Cliente: Aquele ali, eu vi criancinha (falou apontando para Walber, filho de Manoel). Lembro quando o Manoel trazia ele para cá e ele mais ficava brincando na *praça* do que ajudando o Manoel. (risos).

Manoel: É verdade. Eu lembro.

Entende-se que a existência desses laços de afetividade reforça a determinação de um vínculo que garante sua condição de trabalho, uma vez que, freqüentemente, essas pessoas se encontram, e estabelecem práticas sociais que promovem a coesão social. Para Halbwachs (1989), na interseção dos acontecimentos lembrados pelos indivíduos se dá essa coesão social, posto que, ao se reconhecer nas lembranças do outro, o homem se identifica e se reconhece como sujeito pertencente a um grupo com o qual ele pode trocar experiências.

2.5 Os engraxates e a política

Destaco que as histórias recorrentes nas entrelinhas das conversas que se passavam entre os engraxates e os clientes são carregadas de um conteúdo acentuadamente político, uma vez que nas histórias compartilhadas entre eles, tratam com certa freqüência, sobre os eventos políticos em voga na vida cotidiana; marcando, assim, um encontro de

lembranças que evoca nessas narrativas, a relação entre essa dimensão política e o valor significativo do trabalho do engraxate, flagrado o diálogo de Marco Antônio e Manoel:

Marco Antônio: “eles [os engraxates] são uma tradição tão antiga que o prefeito Moura Carvalho já fazia trabalho com eles. Isso há muitos tempos atrás. Na época, o prefeito era o Moura Carvalho e o governador era o Aurélio do Carmo. Isso era no tempo que governador e prefeito falavam com pobre. Até mesmo governadores e deputados falavam com pobre. Hoje, não. Eles acham que têm uma posição e colocam as pessoas humildes lá embaixo. Mas os antigos precisavam do Manoel, vinham aqui, sentavam naquelas cadeiras humildes, engraxavam com o Manoel aqui. O governador Aurélio do Carmo... cansei de estar aqui e eu via...cansai de ver.O Aurélio do Carmo, nunca teve burocracia com ele. O Moura Carvalho também não. Então, hoje a gente vê. Até um tempo desses, os vereadores chegavam aqui de paletó...”Manoel, engraxa aí”. Mas, pode ser que volte esse tempo aqui. Tinha diferença na forma de tratar as pessoas. Até porque, na época, o Moura Carvalho era um tipo de parlamentar que acolhia as pessoas humildes...acolhia mesmo. Ele contava com as pessoas humildes; desses é que ele precisava. Hoje, o parlamentar precisa de pobre na hora do voto; eles chegam na periferia de Belém e engana os pobres com um pouquinho de coisa. Na hora do voto, desaparece,e as pessoas humildes ficam desamparadas.

Antigamente, não era assim de jeito nenhum. Quando um governador ou um prefeito prometiam alguma coisa, eles cumpriam...cumpriam mesmo. Hoje, eu já tenho meus 52 anos de idade e muitas vezes eu converso sozinho... “Oxalá se voltasse vinte anos atrás”...mas, não volta mais. Desses que já passaram pela prefeitura e pelo Lauro Sodré (falou, referindo-se ao antigo palácio do governo), foram poucos esses aí...incluindo Jader barbalho também. Muitas pessoas falam dele, mas foi um elemento que muitas vezes deu a mão para as pessoas da *praça*. O Hélio Gueiros, tanto como governador, como prefeito também. Ele...né, Manoel? Neste último mandato dele de prefeito,ele ficava naquela porta (indicou, apontando para o prédio da prefeitura), chamava os lavadores e o pessoal que engraxa aqui, pra dar uma cooperação pro final de semana. Uma certa ocasião, eu cheguei aqui... eu estava vindo de Tailândia e era hora de meio-dia, numa sexta-feira. Ele chamou o pessoal e foi dando, de um por um.

Manoel: Ah, o Hélio Gueiros! Ele foi um governador muito íntegro. Sabe o que ele fazia? Quando ele era governador, ele mandou fazer uma lista aqui. Aí, o coronel Gomes trouxe a lista para mim, chegou aqui e disse: “quem é seu Manoel?” Eu disse: “sou eu”. Ele disse: “toma. Pra ti ver quantos engraxates tem aqui. Põe o nome e leva ali”. Era para levar para o Hélio Gueiros. Aí eu disse: “mas vem cá, para que essa lista? Ele vai mexer com nós?” Ele disse: “bora!” Eu falei: “me leva lá” e eu fui lá. Cheguei lá no Palácio; aí ele disse: “entra lá, vai falar com ele lá”. Aí,eu entrei lá. O pessoal da portaria me barrou...eu estava com essa roupa... “Que que você quer?”... “Eu quero falar com o governador, doutor”. Aí,ele disse: “não senhor, você não pode entrar aqui assim”. Aí, eu recuei. Quando eu recuei, o coronel Gomes vai entrando. Ele disse: “Já falaste com o Hélio Gueiros?”

Ele era o chefe da Casa Civil. Aí, eu disse: “não. Me barraram aí”. Ele pegou e disse assim: “você são doidos, rapaz! Você estão barrando...sabia que esse é o engraxate do Hélio Gueiros?” ... “Ah, então vai!”. Eu engraxava os sapatos do Hélio Gueiros no *Palácio*. Ele mandava me chamar, eu ia. O Jader, o Alacid Nunes...a gente ia lá; eu ia lá para engraxar o sapato deles. Aí, eu cheguei lá com ele e disse: “bom dia”. Ele disse: “bom dia”. Ele disse: “me dá tua lista”. Eu digo: “pra que essa lista? O senhor vai tirar nós de lá?” Aí, ele: “não, Manoel. Essa lista, sabe pra que é? É que vai chegar o fim do ano e eu vou preparar umas cestas de natal para dar para vocês”. Eu disse: “o que? Nós não precisamos disso, não. Nós estamos trabalhando. Isso, você

tem que dar para uma pessoa que está desempregada. Um pobre mais pobre do que eu”. Ele disse: “ah, tu queres assim?” Eu disse: “só não quero que você tire nós de lá”. “Mas quem vai te tirar, rapaz? Tá bom. Tu não queres, então pronto”. Aí, eu rasguei. Não fiz... porque eu estou ganhando meu dinheiro. Porra! Que é isso? Dá pra quem precisa. (risos). Daí, virou, virou...ele veio pra prefeito e quando ele chegava aí, o carro dele chegava aí e ele fazia “continência” para a gente.

Nas situações em que falam sobre sua vivência, que se expande para além do espaço físico da *praça*, reivindicações emergem no modo como os engraxates se reportam aos personagens políticos do passado e do presente, pessoas cujos feitos interferiram e continuam interferindo no curso do seu trabalho; alguns, inclusive, eles apontam como agentes responsáveis pela garantia de sua permanência na praça Dom Pedro II. Logo, a defesa de um espaço de trabalho diz respeito a essa postura, que adquire um caráter político, na medida em que encontra ressonância com a maneira como eles expressam uma noção de conduta, revelando um posicionamento crítico diante das coisas do mundo.

Hobsbawm (2000)⁵⁷ destaca o “temperamento especial” dos sapateiros ou remendões (como se refere àqueles que consertam e engraxam sapatos) com vocação para as questões de cunho político. No dizer do autor, eles “se distinguem por um espírito irrequieto, por vezes agressivo, e por uma enorme tendência à loquacidade”. Assim, ele aponta na história, a ocorrência de eventos, nos quais a categoria dos sapateiros, representou uma força expressiva de reivindicação política, a exemplo da *Tomada da Bastilha*.

Esse caráter político, expresso no comportamento dos sapateiros ou remendões, é reconhecido historicamente, havendo inclusive uma data específica que homenageia essa classe de trabalhadores⁵⁸.

⁵⁷ Cf. HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

⁵⁸ Cf. DUARTE, Marcelo. **A origem de datas e festas**. São Paulo: Panda Books, 2005. Segundo Duarte, o dia 25 de outubro é reconhecido como o dia do sapateiro... “Trata-se de uma homenagem a dois santos sapateiros, São Crispim e São Crispiano, padroeiros da categoria. Os dois irmãos pregavam pelas ruas da cidade de Soissons, na França, durante o dia e faziam sapatos à noite. Por converterem muitas pessoas ao cristianismo, foram perseguidos pelo imperador Domiciano e degolados. No século VI, uma grande igreja foi erguida em Soisson em homenagem aos mártires (pp.125 e 126).”

Assim sendo, destaca-se o traço político incorporado às práticas sociais dos engraxates, como um processo de significação, resultado da interseção contínua de diversas dimensões – social, política, econômica e cultural – sendo eles mesmos, os agentes dessa dinâmica. Não se pode esquecer, então, que as relações concernentes a estas dimensões assumem vários sentidos, em função, sobretudo, da diversidade de enfoques sobre as formas de expressão, as maneiras de criar e de fazer e, ainda, sobre o modo de viver desses engraxates.

CAPÍTULO III

3. O lugar como referência da memória social

“Eu não tenho medo de dormir na praça...nem me sinto só... Esse é o General Tamandaré. Todo dia tem uma sabiá que senta no chapéu dele. Depois, ela marisca, marisca, sobe pra mangueira e continua e cantarola até...

O Almirante nem me olha. Da gente ele não quer saber. Fica só olhando para a Prefeitura...para nós, não vira para olhar...”⁵⁹ (foto 31)



Thierry Carliez, 1999

Foto 31 – Monumento em homenagem ao Almirante Tamandaré. Ao fundo, o Palácio da Prefeitura.

No compasso das vivências lembradas e compartilhadas pelos engraxates da praça Dom Pedro II na sua relação com os clientes e, ainda, com os outros grupos de pessoas que ocupam o lugar, seja como trabalhadores ou moradores, um aspecto pode ser evidenciado na compreensão da memória que é construída no âmbito das práticas sociais circunscritas àquele espaço: o significado simbólico que o lugar suscita como referência das histórias de vida atreladas que estão ao seu contexto sócio-histórico-cultural.

DaMatta⁶⁰ considera que “o espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (1991, p.34).

⁵⁹ Trecho do depoimento do vendedor de côco Walmir, colhido em junho de 2004. Walmir era um vendedor de côco que dormia na praça e abastecia as demais bancas de venda de côco da praça e de outros lugares da cidade, diferenciando-se, neste sentido, dos moradores e dos demais vendedores de côco, os quais não dormiam no lugar. Em 2005, Walmir foi transferido da praça durante a administração do Prefeito Duciomar Costa.

⁶⁰ Cf. DaMATTa, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

Logo, nas histórias de vida narradas pelos engraxates destacam-se os sentidos associados a um caráter político, que deve ser compreendido na ressonância com a ordem social correspondente àquele espaço.

Para isso, é essencial apreender alguns aspectos ligados à construção desses sentidos. De início, portanto, há que se ressaltar a proximidade com um plano físico condizente com as práticas políticas, pois, de uma feita, que nas áreas circunvizinhas à praça localizam-se o Palácio da Prefeitura, o Fórum de Justiça, o Antigo Palácio dos Governadores e ainda a Assembléia Legislativa, é comum a frequência, no lugar de um público voltado para a vida política da cidade (foto 32).



Lizete Sobral, 2005

Foto 32 – À esquerda, o Museu do Estado do `Pará, antigo Palácio dos Governadores. No fundo, à direita, prédio da Assembléia Legislativa.

A esse respeito, Manoel conta, com orgulho, que “na praça, passam vereadores, deputados, juízes, advogados, e muitos engraxam os sapatos”. O depoimento de Sebastião corrobora com sua afirmação: “aqui, de vez em quando, passa muita gente importante. Uma

vez o Carlos Santos, outra vez, foi o Jáder que passou e cumprimentou, mas não engraxou os sapatos.⁶¹

Nessa medida, esses homens atravessam o inconsútil do espaço e, entre um ir e vir no tempo, deslocam-se, pela via da memória, a outros cenários, transpondo os limites físicos da praça e dos espaços que a cercam. É o caso de Manoel, quando se reporta ao tempo em que “engraxava os sapatos do Hélio Gueiros, lá dentro do Palácio”. Assim sendo, a memória de Manoel não se estende tão somente até a fachada do antigo Palácio dos Governadores, mas avança para o espaço interior do prédio ao evocar histórias vividas lá. Sua memória atravessa a fronteira do palácio, uma vez que está ligada a outros significados, equivalentes aos sentimentos de honra e orgulho, por ter freqüentado o lugar como engraxate do antigo governador.

Existe em cada uma das pessoas que transitam na *praça* um tipo de ação que exercita a disponibilidade de seus espaços, consoante o uso atribuído a eles; e, uma nova concepção relacionada à presença desses agentes elucida-se nos relatos que são flagrados na apreensão de suas memórias, da feita que se afirmam como aqueles responsáveis pela preservação e defesa de um espaço do qual depende a sua própria condição de vida.

A entrevista realizada com Manoel evidencia sua noção diante do significado que sua posição de engraxate representa no cenário da *praça*:

“A senhora sabe que outro dia veio uma mulher aí, que trabalha na prefeitura, mandar eu fiscalizar o pessoal que suja a praça? Ora, se meu serviço aqui é esse! Quem tem que fazer isso é o fiscal da prefeitura, e não eu. Eles têm que mandar alguém aqui para fazer esse trabalho. Eu limpo meu espaço onde eu trabalho. Quando eu acabo, deixo tudo limpinho. Eu e meu filho varremos tudinho. Agora eu vou ficar tomando conta da vida dos outros? Eu não! Cada um cuida do que é seu. Aqui eu sou engraxate!

⁶¹ Personagens do cenário político do Pará, Carlos Santos e Jáder Barbalho foram governadores do estado e, atualmente, Jader Barbalho exerce a função de deputado federal pelo estado do Pará.

Logo, a compreensão desse significado ligado a uma ação humana implica a constatação da coexistência de condições opostas e ao mesmo tempo complementares, constituídas pela relação dialética entre as práticas sociais (no âmbito das quais os engraxates se estabelecem como agentes) e o espaço da *praça*. Lógica esta que vai engendrar a construção da memória social, da feita que os significados atribuídos às coisas desse universo estão nas relações que elas mesmas nos remetem, e que são evocados pela lembrança ou pelo esquecimento. No dizer de Magalhães⁶² “as coisas importam em correlações entre coisas” (1993, p.111). Isto e, para o autor, as coisas se tornam reais na medida em que são relacionadas com outras coisas. Assim, dizer, “a realidade de qualquer coisa é a sua capacidade de contextualizar-se no mundo, na vida ou na Natureza.” (p. 111) É neste sentido que apreendo a memória construída entre os engraxates, na medida em que eles estabelecem uma correlação entre tempo e espaço, a fim de evidenciar sua ligação com uma realidade concreta.e significativa para seu grupo, tornando possível perceber a construção de um tempo real para eles, no modo como esse tempo está relacionado com as coisas que têm significados importantes no contexto de suas vidas.

O trecho da entrevista realizada com Américo permite entrever, na forma como ele se reporta às transformações ocorridas no espaço físico da praça Dom Pedro II, essa mesma correlação de opostos que se complementam para formar a noção de um presente vivido por ele:

Américo: “A senhora já viu que os lagos não estão mais aí?” (Ele se referia aos lagos que haviam sido aterrados e sobre os quais foram instalados canteiros gramados)⁶³. “Pois é. Primeiro, o Edmilson⁶⁴ mandou secar os lagos porque os moleques de rua tomavam banho aí. Depois, o Duciomar mandou aterrar os lagos porque as pessoas faziam cocô de noite na *praça*, e o cheiro

⁶² MAGALHÃES, Marcos Pereira. **O Tempo Arqueológico**. Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 1993.

⁶³ Os lagos foram aterrados mediante as propostas de reformulação dos espaços da *praça*, empreendidas pela administração do prefeito Duciomar Costa.

⁶⁴ Américo referia-se ao prefeito Edmilson Rodrigues, que administrou a cidade de Belém antes da entrada de Duciomar Costa.

ficava horrível durante o dia. Mas não adiantou nada. Porque o pessoal continua fazendo besteira aí.” (fotos 33, 34 e 35)

Lizete: por que eles não colocam policiais na praça para fiscalizar isso?

Américo: Eles colocam, mas não adianta. Parece que os guardas não vêm nada. Olha... (ele apontou um homem que urinava sobre o espaço aterrado de um dos lagos) aquele cara ali está mijando, a senhora não está vendo?

Lizete: E onde estão os policiais?

Américo: Por aí. Passeando...Eles nunca estão por aqui.(nesse momento, um homem passou correndo por nós, em direção ao Porto do Ver-o-Peso, enquanto algumas pessoas gritavam).

Lizete: O que é isso, seu Américo? O que está acontecendo?

Américo: É ladrão. De vez em quando eles roubam um por aqui.

Lizete: Ninguém faz nada?

Américo: Eu não lhe disse? Eles são cegos...

Lizete: Olhe, lá vêm eles. (falei, apontando para dois policiais que caminhavam na praça).

Américo: É sempre assim, não adianta, eles só chegam depois. Hoje, tem muita violência aqui na praça, mesmo com os guardas.

Lizete: E antes era diferente?

Américo: Era... era sim. Se a senhora visse como era isso aqui antigamente. Tinha garça nos lagos, passarinho. Era tudo lindo. Tudo limpinho. Também não tinha essa violência de hoje. As coisas mudaram muito.

Lizete: Era um tempo melhor?

Américo: Ah...muito melhor. A gente trabalhava sossegado. Era tudo arrumadinho. Mais organizado. A gente também tinha mais cliente e ganhava mais também. Eles estão se acabando. Daqui a um tempo, acho que vai ser ainda pior.



Thierry Carliez, 1999

Foto 33 – Os lagos cheios d’água



Lizete Sobral, 2004

Foto 34 – Os espaços dos lagos sem água



Lizete Sobral, 2005

Foto 35 – Obras de aterramento dos lagos, realizadas na administração do Prefeito Ducimar Costa.

Nas histórias que contam, os engraxates expressam uma memória constituída em contraposição com o presente e, no caso de Américo, ele ressalta um passado idealizado com relação a um presente que ele vê menos rentável economicamente. É importante destacar, ainda, que nas memórias compartilhadas entre eles, os engraxates expressam uma compreensão de si mesmos, relacionada ao modo como se percebem ligados às histórias que relatam sobre o lugar, pois, ao mesmo tempo em que se referem aos acontecimentos ocorridos na *praça*, trazem em seus depoimentos, suas próprias histórias de vida. Desse modo, a dimensão física e a dimensão humana se confundem na tessitura de suas recordações, e se expandem para uma memória construída no âmbito mais abrangente de suas relações com os clientes, de modo a revelar uma realidade que não é significativa só para eles, mas, também, para aqueles que têm afinidades com seu grupo, como ilustra a conversa que travei com Manoel e seu cliente Marco Antônio, a qual comecei, perguntando se Manoel tinha algum registro que oficializava seu ofício de engraxate no espaço da *praça*.

Manoel: Sou cadastrado, mas eu acho que é na prefeitura. É, eu tinha o cadastramento da prefeitura que o Alacid Nunes deu para os engraxates.

Lizete: Em que ano vocês passaram a ser cadastrados?

Manoel: No tempo do Alacid Nunes. Foi no tempo que ele era governador. No primeiro governo do Alacid. Ele nunca mexeu com a gente aqui. Deixou a gente aqui. O pessoal perguntava se era para nos tirar e ele disse: “não é para tirar os engraxates porque eles são o ‘pronto socorro dos calçados’”. Aí, veio o doutor Jäder [Barbalho]...também não mexeu com a gente. Deixou a gente trabalhar à vontade. Ninguém mexe com a gente aqui. O pessoal [poderes públicos] passa e não mexe. A gente continua trabalhando.

Lizete: O senhor começou trabalhando neste mesmo lugar que está até hoje?

Manoel: Não. Eu comecei ali para o lado da Praça do Relógio (falou, indicando a calçada oposta àquela em que se encontra atualmente). Lá do outro lado. Aí, eu vim rodando para cá. Só aqui, eu estou com 18 anos debaixo dessa mangueira. Mas eu aprendi [a trabalhar como engraxate] lá do outro lado, ainda no tempo dos “Clips”. A senhora já ouviu falar dos “Clips”?

Lizete: Já. Aqueles que ficavam na calçada?

Manoel: É. Eram uns “Clips” lindos. Bem no meio da rua, tinham uns “Clips” todos de cimento armado. Teve uma época até que uns engraxates chegaram a trabalhar embaixo deles. Aí, no tempo que fizeram uma arrumação, os fiscais mudaram a gente para cá. Daí, depois que derrubaram os “Clips” eu pedi licença e o secretário da fiscalização mandou eu fuçar aqui mesmo. Agora, eu sei que derrubaram esses “Clips” no tempo do Jäder Barbalho.

Marco Antônio: Acho que foi em 69, porque nessa época eu era cobrador de ônibus. Eu fui cobrador em 69. em 1969, eu era cobrador de ônibus e o “Clip” daqui...o último horário dos ônibus com carroceria de madeira,

daqueles ônibus antigos. Quando dava meia-noite, de acordo com o horário que eles faziam, nós tínhamos que assinar aqui (informou, apontando para a avenida Portugal)...com o pessoal da DET, Departamento Estadual de Trânsito. Era do outro lado, bem em rente à Livraria Conte. Tinha o pessoal da DET, da fiscalização. Os ônibus tinham que passar no horário...aqueles que faziam o “Cristo”⁶⁵, isto em 1969. Aí, após, eles começaram a derrubar os “Clips”. Na época, eram poucas empresas [de ônibus] que tinham. Hoje, não...são muitas. Daí para frente, foi quando tiraram o “Clip” daí. Aí,então, as paradas de ônibus não passaram a ser mais aqui.

Manoel: Esse aqui é ponto bom para nós. Eu acho que eles não devem tirar a gente daqui, porque, como eu disse...o Alacid...bom, queriam tirar a gente daqui. Aí, quando o Alacid foi governador, ele disse: “não, não é para tirar os engraxates. No mundo inteiro tem [engraxate], né? No mundo inteiro. Até em Fortaleza tem. E lá, eles são organizados. Trabalham uniformizados, têm armário e tudo.

Marco Antônio: eu acho que um dos erros gravíssimos dos nossos governadores foi exatamente tirar o palácio do Governo daqui.

Manoel: Você falou certo. Não era para eles se mudarem daí.

Lizete: Por que, seu Manoel?

Marco Antônio: Porque todos os estados do Brasil...que eu conheço quase todos...quase noventa por cento deles. Todos têm o seu Palácio do Governo. E a coisa mais bonita que tem, é a gente ver a entrada de um governador *em Palácio*...as pessoas se perfilarem ao governador. Quer dizer, se perfilarem sob um ato de respeito, entendeu? Hoje, a gente não vê mais isso. Eu não vou dar o nome do governador porque...

Manoel: Não, não.

Marco Antônio: porque todo mundo sabe quem tirou. Eu acho que quando o governador não é uma pessoa confiável, ele procura se refugiar em algum lugar para que o povo não vá fazer piquete ou nada disso aqui no centro⁶⁶. Como o governador trabalhava no Palácio, as pessoas vinham se concentrar aqui, mas agora eles não têm o que fazer aqui. Vão reclamar para quem? Só se for só para o prefeito como aconteceu daquela vez que os professores tentaram invadir a Prefeitura. Mas, mesmo assim, não é como antigamente. Não tem mais esse tipo de movimento. Pelo menos não como os “Sem Terra” faziam, que ficavam acampados aqui. Qualquer problema, existia um piquete, mas, em compensação, o governador tem a polícia dele, que é a Polícia Militar...que tem condição de isolar uma praça dessa a qualquer hora, entendeu? Porque você sabe que contra a força não há resistência, não é verdade? Eu, se fosse governador um dia, mandava desativar esse prédio e tirar o museu [Museu do estado do Pará], porque Belém tem museu por toda parte. Então, pegar o Palácio do Governo para fazer museu? Não! Não tem nada disso.

Manoel: Pois é. Outro dia teve um negócio desse, mas foi na outra praça, que fica perto do Fórum.

Lizete: Que negócio foi esse, seu Manoel?

Manoel: A senhora não está sabendo? Aquele pessoal que veio ver o julgamento dos caras que mataram a menina.

Lizete: Que menina?

Manoel: Aquela...a freira que mataram.

Lizete: Ah...a irmã Dorothy?

Manoel: Essa mesma. Só que eles ficaram na praça Felipe Patroni porque ia ter o julgamento lá no Fórum.

⁶⁵ Como costumam ser chamados os ônibus que fazem o último percurso da noite.

⁶⁶ Marco Antônio referia-se ao modo como as pessoas costumam chamar à área compreendida pelo espaço da praça Dom Pedro II e o bairro do Comércio em Belém.

Marco Antônio: Por isso que eu digo que essa atitude de tirar o Palácio do governo daí teve essa intenção. Porque agora eles ficam longe do povo. O melhor era eles terem ficado, e não fazer museu. Pegava os pertences dos ex-governadores e jogava em um museu preparado; não no Palácio do Governo. Eu acho que o nosso Palácio do Governo e a Prefeitura Municipal são os palácios mais bonitos que vi. É como o teatro da Paz. Eu só conheço dois teatros bonitos: é o Da Paz e o de Manaus. São os dois mais lindos que eu conheço. Foram construídos na época áurea da borracha. Você já entrou nesse Palácio aí?

Lizete: Já. Algumas vezes.

Marco Antônio: Não é lindo?

Lizete: É lindo, realmente.

Marco Antônio: Melhor e mais bonito que aquele palácio feio Dos Despachos⁶⁷, lá no meio do mato.

Manoel: Você queria ver quando o governador chegava e tocava...os guardas tocavam aquela corneta. Quando era para levantar a bandeira brasileira, tocava o hino brasileiro. Todo mundo ficava em fila até levantar a bandeira. Era uma coisa de até emocionar a gente. Era bonito. Eu também sou contra ter mudado os vereadores daqui (falou, desta vez, referindo-se ao Palácio da Prefeitura). Aqui dava para trabalhar o prefeito e os vereadores. Porque a casa tem espaço aí. Tem e é bonita.

Lizete: Por que o senhor é contra essa mudança?

Manoel: Porque mexeu com tudo. Bem aqui atrás da prefeitura, paravam uns ônibus: “40 Horas”, “Júlia Seffer”...Deus o livre! Aqui era um movimento...Agora tiraram a parada onde esses ônibus paravam. E tem uma coisa...daqui a mais uns quatro ou cinco anos, isso aqui vai virar subúrbio de Belém.

Lizete: O senhor acha isso?

Manoel: É. Porque Belém cresce para lá, e, para cá, vai ficando desprezada. Não vai ter esse movimento que tem. Só ainda tem esse movimento porque tem essa geleira, não é verdade?⁶⁸ Tem esse açai que vende aí na feira. É isso. Quando tirarem isso...No tempo do Hélio Gueiros, essa praça ficava cheirosa...não tinha essa imundície. Os lagos eram bem cuidados...tinham umas garças lindas! Vivia limpa. Teve uma época que parava navio aí. Desciam os turistas, e eles vinham com a gente., conversavam tiravam foto. Quando ele foi governador e prefeito, era polícia para lá e para cá. Agora, não...você vai ali, é só cocô...porque está desprezada a praça. Se a gente não cuidar do nosso espaço, eles é que não cuidam. Eu cuido

Nesse universo contextual, manifesta-se a expressão de uma memória particular a cada grupo, mas também uma memória comum entre os grupos, de acordo com as representações às quais eles se reportam; e, mesmo com o uso primordial do espaço como local de trabalho, existem construções representativas em outros sentidos sobre esse espaço: espaço de morada, de encontro ou de lazer. Os sentidos do lugar vão se transformando, e o

⁶⁷ Lugar onde funciona, hoje, a sede do governo do estado do Pará, localizado na rodovia Augusto Montenegro, a 12 km do centro da cidade e Belém.

⁶⁸ Geleira que recebe os peixes que chegam na feira do Açai, trazidos das cidades ribeirinhas.

espaço se elastece quanto mais significados e marcas ele incorporar - marcas que, às vezes, até se materializam. Para ilustrar, apresento o diálogo que tive com Manoel, a respeito do arco de ferro fincado na calçada, onde ele amarra os fios que sustentam a cobertura de sua banca (foto 36:



Alexandre Azevedo 2005

Foto 36 – A banca de Manoel, atada sob uma mangueira

Lizete: Estou vendo que tem esse ferro aí na calçada. Assim, o senhor aproveita para armar o plástico da cobertura...

Manoel: Fui eu que coloquei o ferro aí. Porque eu precisava atar os fios. De um lado, eu tenho a mangueira, mas do outro eu não tinha nada para amarrar. Então eu fiz isso.

Lizete: Mas eles não acabaram de reformar essas calçadas? (eu me referia às reformas realizadas nas calçadas da praça, no segundo semestre de 2005).

Manoel: Foi. Eles ajeitaram, mas não tiraram meu ferro. Porque não ia mexer com eles mesmo. Não tinha porque eles tirarem.

Todos os personagens que frequentam a *praça* de forma mais efetiva, sejam moradores, trabalhadores ou clientes, mantêm seu lugar na relação com as histórias compartilhadas entre eles, expressando a construção de uma memória constituída em comum; e, que a um só tempo, os identifica e os distingue dentro de seus grupos e entre os grupos; personagens relevantes das práticas sociais circunscritas ao contexto da *praça*.

3.2 No Compasso do Tempo e das Lembranças

Na construção de suas memórias, os engraxates recorrem a marcadores pessoais para referenciar suas histórias vividas na *praça* e em outras situações de suas vidas, o que é notado em alguns depoimentos. É o caso de “no tempo do Alacid Nunes”, que Manoel utiliza como um marcador pessoal significativo para se remeter ao momento em que tirou seu registro de engraxate; para referenciar “seu tempo” pessoal, mas também coletivo – uma vez que construído na interação com as histórias de vida das pessoas que transitam na *praça*, seja como moradores, trabalhadores ou apenas freqüentadores.. Existe, no depoimento de Manoel, uma temporalidade marcada por um modo de vida específico, ou pela maneira como ele parece fazer valer a noção de um tempo próprio, relacionado ao modo como ele constrói e simboliza essa noção. Assim, ao invés de se apropriar do tempo identificado, no dizer de Elias (1998)⁶⁹ nos calendários construídos pelo homem, ele referencia sua vida nas situações correspondentes à realidade concreta das coisas do mundo.

Elias vê o tempo como um símbolo representativo das sínteses apreendidas no contexto das sociedades. Logo, podemos pensar o tempo como um suporte, não só de uma ordem social, mas das histórias de vida que constituem tal ordem e que tramadas no coletivo, são aquelas pensadas para situar e identificar os indivíduos em seus contextos sócio-culturais. Dito de outro modo, a noção de tempo que o indivíduo constrói vincula-se normalmente à do seu grupo, fortalecendo os laços de coesão social. O tempo, então, não existe como realidade definitiva; ele existe encadeado em uma lógica própria, não apenas para situar o homem em um dado momento de sua história de vida, mas referenciar os eventos que são significativos nessa trajetória.

⁶⁹ Cf. ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

Certa vez, eu conversava com Sebastião (foto 37) e ele me contava sobre suas histórias vividas na *praça*. Disse que estava trabalhando lá, “não há muito tempo, desde o tempo em que tiraram os ‘Clips’...” que “Juraci é o mais antigo de todos” e que ele, Sebastião estava na *praça* há “apenas uns dez anos”⁷⁰. Eu, então, perguntei a ele se havia chegado para trabalhar na *praça* como engraxate em torno de 1994, e ele então respondeu: “não! Estou aqui desde setenta e nove”⁷¹



Lizete Sobral, 2005

Foto 37 – Sebastião engraxando os sapatos de um cliente

No momento desta entrevista, a qual se deu em setembro de 2005, compreendi que Sebastião encontrava-se, na verdade, trabalhando na praça há vinte e seis anos. Tal fato me chamou a atenção para a forma como ele elaborava sua marcação temporal: a partir de acontecimentos que representavam marcos significativos em sua vida. Isto porque, ao perguntar o que ele estivera fazendo antes, respondeu que estivera trabalhando em um “condomínio residencial, no ‘Centro Galáico’, com limpeza”.

⁷⁰ Entrevista concedida em setembro de 2005.

⁷¹ Referia-se ao ano de 1979.

Compreendi que sua noção de tempo era construída a partir da observação de eventos sucessivos, daí surgindo apenas as noções de ‘antes’ e ‘depois’ e que, para estabelecer essa marcação, tinha como referencial significativo em sua vida, o trabalho. Na reconstituição de suas lembranças destacava-se um aspecto individual de sua memória, a idealização de um tempo particular e significativo para ele, marcado por um intervalo correspondente a uma mudança de atividade de trabalho (com limpeza) para outra (como engraxate). Assim a referência do tempo, estabelece a relação com uma realidade concreta, pois pode ser projetado na retirada dos ‘Clips’ da *praça*, um feito cujo tempo é marcado por uma ação concreta e visível na materialidade da praça, por Sebastião.

Do mesmo modo, no trecho do depoimento de Juraci, vemos a constatação de uma condição de existência que se referencia em situações que tem sentido em sua história de vida, ao evocar na lembrança, o tempo que marca uma época que ele considera melhor para seu trabalho como engraxate na praça:

[...] na época que eu vim para cá era muito bom. A gente ganhava muito dinheiro... não tinha shopping [...] depois o conjunto da COHAB, Cidade Nova... Caiu muito o movimento[...] quando eu vim em 67, dava... eu me casei em 67⁷²...

Para fazer essas marcações “... nós criamos o tempo através de intervalos na vida social” (Leach, 1974, p. 207)⁷³. Leach compreende o tempo como uma representação simbólica, uma coisa idealizada no seio das sociedades, e propõe a perspectiva de fazer uma compreensão sobre a noção de tempo nas sociedades complexas através de “...duas experiências básicas: (a) que certos fenômenos da natureza se repetem, (b) que as mudanças da vida são irreversíveis.” (p. 193). A tendência do homem moderno, diz ele, é que pensemos o tempo sob a luz da segunda proposição, como um dado que não se repete, e que é

⁷² Referia-se ao ano de 1967.

⁷³ Cf. LEACH, E.R. Repensando a Antropologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

irreversível. O autor faz a distinção entre esse tipo de concepção do tempo, que se dá *a priori* nas sociedades complexas, e a forma como as sociedades primitivas expressam tal noção. Nestas sociedades, diria ele, o tempo é descontínuo, e oscila entre dimensões opostas.

É desta forma que percebo a referência de tempo construída entre essas pessoas, mas que não é comum só a eles; estendendo-se a outros grupos que constroem significados de forma equivalente. Marco Antônio, cliente de Manoel, da mesma maneira, para se referir à época em que retiraram os “Clips” das calçadas, informou, conforme indica a conversa que já foi ilustrada aqui, e que ele travou com Manoel. Para se referir ao fato destacado como a retirada dos “Clips”, ele constatou que “foi na época em que era cobrador de ônibus”. Assim, ele podia confirmar a data, correspondente ao ano de 1969, porque lembrava que foi cobrador de ônibus nesse período, e concretizar o tempo ao qual se remetia.

Leach esclarece que o conceito de tempo existe construído em todas as culturas, e em cada uma delas ele é experimentado pelo indivíduo, como toda representação simbólica, na sua interação com os sentidos dos outros. Assim, propõe ele, as particularidades atribuídas ao tempo, tais como fluxo, regularidade, velocidade ou intervalo são noções fabricadas pelo homem.

Na viagem que o indivíduo empreende em suas lembranças, é o tempo vivido em um determinado lugar que ele elege para fazer parte de suas memórias.

Halbwachs (1990) aponta para essa relação entre tempo e espaço como projeções que referenciam o homem no contexto social. O tempo, nesse caso, constituído de passado e presente, dimensões que se alternam em um diálogo de vivências recordadas; significativas para cada sujeito – todas elas marcadamente, expressões de sua identidade e de sua existência no mundo.

Na apropriação do tempo vivido e revivido na articulação de suas memórias, os engraxates têm como ponto de encontro entre suas histórias eles mesmos; e a *praça* existe, dentro do percurso dessas histórias de vida, com o sentido equivalente à identificação de uma linguagem própria à rede de significados construídas entre eles.

Os engraxates expressam, assim, uma memória particular ao seu grupo, no contexto das relações engendradas naquele universo de práticas sociais, e mesmo com o uso do espaço como local de trabalho, eles tem uma construção representativa desse espaço conferida na sua memória, pois, uma vez que estão inseridos em um cotidiano vivido a tanto tempo por eles, está relacionada não a uma história oficial, geral à sociedade, mas a uma memória particular; posto que se as lembranças que eles guardam não oficializa, para todos os indivíduos, esse espaço físico como referência de memória dentro da sociedade, certamente, para eles é uma memória legítima, uma vez que é construída e reconhecida por eles e entre eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procurei mostrar a construção da memória social a partir da relação dialética entre o homem e o espaço, nas representações das histórias de vida dos engraxates que trabalham na praça Dom Pedro II. Representações essas que se traduzem na vivência coletiva, e na construção dos significados e sua relação com os indivíduos.

A atribuição de significados ao contexto sócio-espacial da praça se insere no âmbito das experiências de vida destes trabalhadores em que o espaço significa um referencial vivenciado na memória coletiva.

As histórias de vida, ao mesmo tempo que convergiram para a construção de uma memória atrelada ao universo da *praça*, representaram, ao longo desta pesquisa, fundamental importância na construção de meu olhar a respeito do espaço, que eu percebia inicialmente, como o elemento transformador das relações entre os indivíduos, concepção norteada pelo conhecimento acerca do espaço próprio à arquitetura correspondente a minha formação acadêmica.

Este novo olhar me fez compreender o universo dos engraxates inseridos no contexto daquelas práticas sociais, como projeção de uma vivência coletiva. Deste modo, a dimensão material da *praça* adquire significados segundo olhares diferentes registrados na memória do outro. Observei na interseção de relatos coletados a partir das histórias de vida pertinentes a esta pesquisa, que a memória, neste caso, além de revelar os significados atribuídos ao espaço, físico ou relacional, exerce, fundamentalmente, uma função agregadora, isto é, as experiências de vida relatadas se imbricam no tempo e no espaço compartilhados.

Assim, a polissemia que adquirem as coisas do mundo coloca-as intrinsecamente relacionadas aos sentidos que a ação do homem confere a essas coisas.

Compreender este fenômeno, permitiu-me ler a correlação dos significados das práticas sociais, em sua concretude, na construção da memória social. Trata-se de perceber, então, a memória como representação da vivência dos personagens contextualizados ao cenário da praça Dom Pedro II, e não como expressão de uma referência de memória arbitrada por um poder que emerge das camadas não populares da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar. Textos em história oral.** Rio de Janeiro: Editora, FGV, 2004.

AMADO, Janaína. “O Grande Mentiroso” In: Revista de História, UNESP, 1995.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas-SP: Papyrus, 1994.

AUGÉ, Marc. **Por uma Antropologia dos mundos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

BENJAMIM, Walter. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. 1v. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BERGSON, Henry. **Matéria e Memória.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas de Jorge Luis Borges.** 1v. São Paulo: Globo, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BULHÕES, Maria Amélia. “Identidade, uma memória a ser enfrentada” In: **Psicanálise e Colonização: leituras do sintoma social no Brasil.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, pp. 90-99.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

CRUZ, Ernesto. **História do Pará.** 2v. Belém: Universidade Federal do Pará, 1965.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUARTE, Marcelo. A origem de datas e festas. São Paulo: Editora Panda, 2005.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **A estratégia dos signos**, São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

_____. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERREIRA, Lucia M. A. e ORRICO, Evelyn G. D. (org.) **Linguagem, Identidade e Memória Social**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria e ALBERTI, Verena (orgs.) **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.

GOMES, Ângela de Castro (organizadora). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1989.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Forence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KOPFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.

LE GOFF & NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques. **Memória in Enciclopédia EINAUDI**. Lisboa, Imprensa nacional, Casa da Moeda, 1984. Trad. B. Leitão. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. **Por amor às Cidades**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

LEACH, E.R. **Repensando a Antropologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

LEFEBVRE, Henry. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. **O tempo arqueológico**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

MAGALHÃES, Sérgio. **Sobre a Cidade: habitação e democracia no Rio de Janeiro**. São Paulo: Pro Editores, 2002.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida Severina e Outros poemas em voz alta**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PARK, Margareth Brandini (org.) **Formação de educadores: memórias, patrimônio e meio ambiente**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.

PIETTRE, Bernard. **Filosofia e Ciência do Tempo**. Bauru-SP: EDUSC, 1997.

_____. **Memória e Identidade Social** em Estudos Históricos, São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1992.

Pollak, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio** em Estudos Históricos 1989/3, São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1988.

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SARTI, Cynthia Andersen. **A Família como Espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHIAVO, Cléia & ZETTEL, Jayme (coordenadores). **Memória, Cidade e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes**, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. "A Catástrofe do Cotidiano, a apocalíptica e a redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória" In R. Duarte e V. Figueiredo (orgs.). **Mimesis e expressão**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

SILVA, Zélia Lopes da (org.), **Arquivos, Patrimônio e Memória: Trajetória e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP/FADESP, 1999.

SOBRAL, Maria Lizete Sampaio. **No Compasso da Praça: um estudo histórico e estético sobre a praça D. Pedro II**. Monografia de Especialização em Memória e História da Arte. Belém. Universidade da Amazônia, 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado. História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TUPIASSÚ, Amarílis. **Imagens que Passais pela Retina Reinvenção do Chalé**. Belém-Pará: Editora Amazônia Livros e Vídeos Ltda, 2003.

VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Otávio Guilherme (organizador). **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FONTES IMPRESSAS

Prefeitura Municipal de Belém. **Diário Oficial do Município de Belém**. Ano XIX, n. 8325, Belém: 07 de agosto de 1996.

Relatórios de Governo (Municipais) – Acervo do Arquivo Público do Pará.

LEMOS, Antônio. **O município de Belém. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém**. Belém: Typografia de Alfredo Augusto Silva, 15 de novembro de 1902.

LEMOS, Antônio. **O município de Belém. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém**. 6V, Belém: [s.n.], 1907-1908.

ICONOGRAFIAS (Acervos dos Álbuns de Registros Iconográficos)

Governo do Estado do Pará. **Belém da Saudade**. Belém: SECULT-Pa, 1996.

Prefeitura Municipal de Belém. **Os Caminhos de Belém**. Belém:, 1996.

REVISTAS E PERIÓDICOS

Artigos

ARANTES, Antônio. “A Guerra dos Lugares” In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. N. 24, 1996.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. “Memória e Família” In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. “Inconsciente, Tempo e Estrutura”. In: **Associação Psicanalítica de Curitiba Em Revista**. n. 3. Curitiba: APC, 1999.

BIASE, Alexia de. “Ficções Arquitetônicas para a Construção da Identidade” In: **Horizontes Antropológicos 16 – Natureza e Cultura**. Porto Alegre: PPGAS, 2001.

CAVIGNAC, Julie. “Vozes da Tradição: Reflexões Preliminares sobre o Tratamento do Texto Narrativo em Antropologia” In: **Horizontes Antropológicos 12 – Cultura Oral e Narrativas**. Porto Alegre: PPGAS, 1999.

DE MAGNANI. “**Da periferia ao Centro: Pedacos 8 Trajetos**”, In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP. V. 35, 1992.

GONÇALVES, José Reginaldo. “**Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais**” In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. V. 1, n.2, 1988.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Imagem e Narrativa – Ou, existe um Discurso da Imagem?” In: **Horizontes Antropológicos 12 – Cultura Oral e Narrativas**. Porto Alegre: PPGAS, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor & MORGADO, Naira. “Futebol de Várzea Também e Patrimônio” In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n.24, 1996.

MALUF, Sônia Weidner. “Antropologia, Narrativas e a Busca de Sentido” In: **Horizontes Antropológicos 12 – Cultura Oral e Narrativas**. Porto Alegre: PPGAS, 1999.

MAGGIE, Yvonne. “Condições de Vida, Cultura Operária e Estilo de Vida dos Trabalhadores” In: **Anuário Antropológico 84**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia”. In: **Anuário Antropológico 84**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

PEIXOTO, Elane Ribeiro. “A Cidade Genérica” In: **Estudos: Revista da Universidade Católica de Goiás**. v. 1. n. 1. Goiânia: Ed. da UCG, 1973.

REZENDE, Antônio Paulo. “O Recife: Os Espelhos do Passado e os Labirintos do Presente ou as tentações da Memória e as Inscrições do Desejo” In: **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. n. 18. São Paulo: EDUC, 1981, pp. 155-166.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Antropologia das Formas Sensíveis: Entre o Visível e o Invisível, a Floração de Símbolos” In: **Horizontes Antropológicos 2 – Antropologia Visual**. Porto Alegre: PPGAS, 1995.

ROLNICK, Raquel. “Lei e Política: A Construção dos Territórios Urbanos” In: **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. n. 18. São Paulo: EDUC, 1981, pp. 135-154.

SALLAS, Ana Luiza Fayet. “O uso do Tempo no Discurso Antropológico” In: **Anuário Antropológico 83**. Rio de Janeiro/Fortaleza: Tempo Brasileiro/UFC, 1985.

VELHO, Gilberto. “Organização social do meio urbano” In: **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 76, 1977.

Traduções

BONETTI, Michel. “A Reconstrução do Espaço Público” (tradução: Karim Houry) In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. n. 18. São Paulo: EDUC, 1981. pp. 31-49.

CHOAY, Françoise. “A Natureza Urbanizada, A invenção dos Espaços Verdes” (tradução: Eveline Bunteiller Kavakama) In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. n. 18. São Paulo: EDUC, 1981, pp. 103-106.

A N E X O S

Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Mestrado em Antropologia

Maria Lizete Sampaio Sobral

Os Guardiões da memória na Praça D. Pedro II

Belém

2006

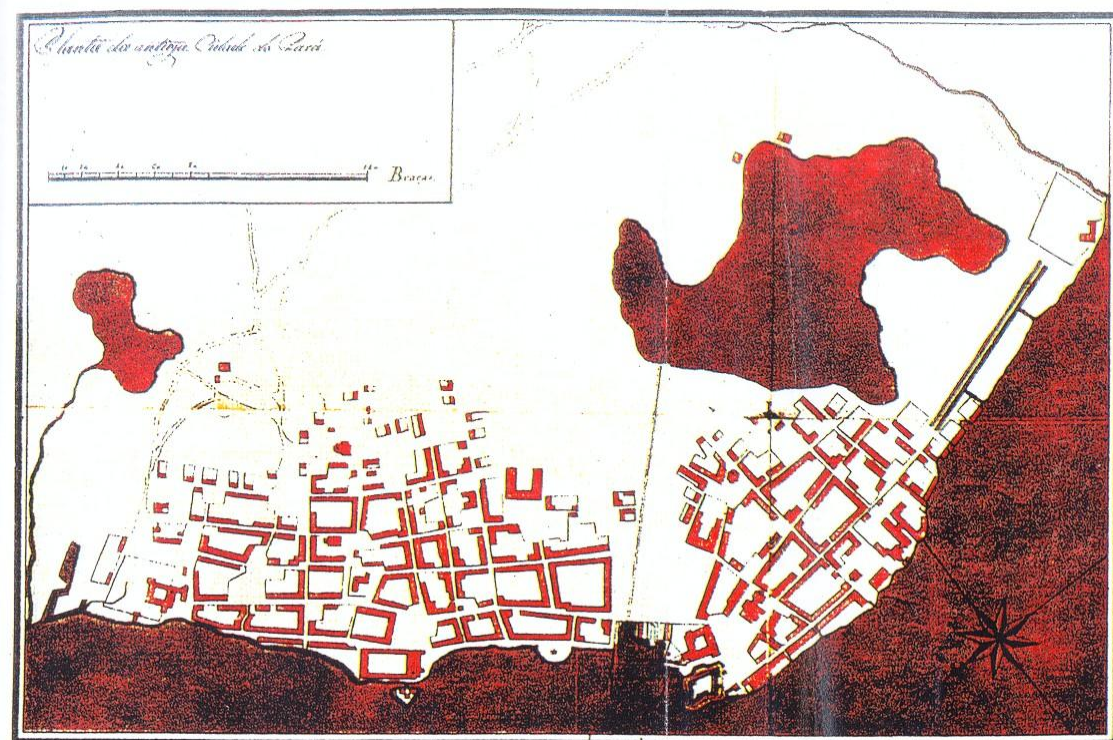


Ilustração 01: Planta antiga da cidade do Pará, provavelmente 1770 / 1780
Fonte: Viagem Filosófica, Biblioteca Nacional



Ilustração 02: Planta da cidade do Pará – Terreno que se alaga nas grandes cheias
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), RJ

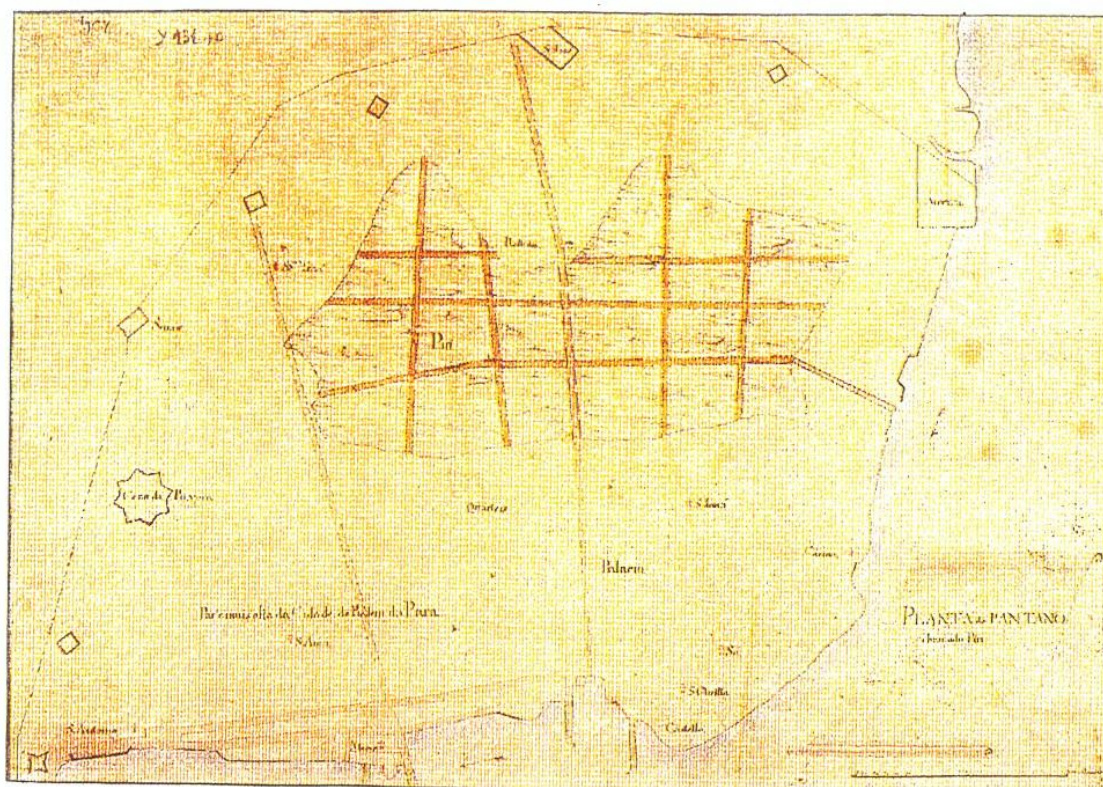


Ilustração 03: Planta do pântano da mesma área – Igarapé do Pirí
Fonte: Arquivo Histórico do Exército, RJ